



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE SOCIOLOGIA – PROFSOCIO

RUY DAMASCENO MIRANDA

MENINOS QUE SE CORTAM: REFLEXÕES SOBRE O ACOLHIMENTO DE JOVENS QUE
PRATICAM A AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

SOBRAL

2021

RUY DAMASCENO MIRANDA

MENINOS QUE SE CORTAM: REFLEXÕES SOBRE O ACOLHIMENTO DE JOVENS QUE PRATICAM A AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

Área de concentração: Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

Linha de Pesquisa: juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita

SOBRAL

2021

RUY DAMASCENO MIRANDA

MENINOS QUE SE CORTAM: REFLEXÕES SOBRE O ACOLHIMENTO DE JOVENS QUE PRATICAM A AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO).

Área de concentração: Mestrado Profissional de Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO).

Linha de Pesquisa: juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita

APROVADO EM: 22 / 12 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita (Orientadora)
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

Prof^a. Dra. Rosângela Duarte Pimenta (Examinadora interna)
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

Profa. Dra. Antonia Zeneide Rodrigues (Examinadora externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN

SOBRAL

2021

À minha amada mãe, Professora Clara Maria Damasceno Carneiro Miranda, a você toda minha devoção e admiração.

AGRADECIMENTOS

Muito tenho ouvido falar em gratidão nos últimos tempos, a gratidão como uma prática, ou mesmo como um estilo de vida, o lugar daquele que repara nas coisas positivas, edificantes e benéficas, e as reproduz, criando ciclos de benesses. A partir dessa possibilidade se produz uma espécie de vibração que atrai e reproduz aquilo pelo qual somos gratos, e demonstramos gratidão, a reação em cadeia significaria a potencialização de tudo pelo que agradecemos. Não sei até que ponto eu consigo ser produtor de positivities e edificações, porém lembrar as pessoas que contribuíram para a escrita desse trabalho é para mim um bom exercício disso.

Agradeço então à minha mãe, a professora Clara Damasceno, o maior amor da minha vida, pessoa que sempre torce por mim e apoia minhas empreitadas, fazendo-se meu principal suporte emocional, pois sempre enche de entusiasmo toda vez que penso em desistir e me dando a força necessária para chegar a esse momento de conclusão do mestrado. Agradeço fortemente não só por ter me trazido ao mundo, mas por renovar a cada dia o que dá sentido a essa vida e a faz valer a pena. Mãe, muito obrigado por me acolher incansavelmente todo dia, saiba que todas as minhas conquistas são devotadas a você.

À minha irmã Thalyta Damasceno, que sempre acreditou em mim e evidenciou o meu potencial, mesmo quando nem eu mesmo conseguia enxergar e acreditar, sem o seu apoio e suas palavras de motivação todos os dias eu jamais conseguiria chegar ao fim desse mestrado. Obrigado por me deixar viver junto a você as maravilhas, as inseguranças, a dores e os prazeres de sua gravidez e de seu puerpério ao mesmo tempo em que estava cursando as disciplinas desse mestrado e enfrentávamos a loucura dos primeiros meses da pandemia, mas saiba que foi o momento mais doce e gratificante de minha vida, que me fez decidir ser a melhor versão de mim a partir de então. À minha sobrinha Maria Clara, filha da Thalyta que me trouxe uma renovação das esperanças, quando o mundo inteiro estava sendo obrigado a parar você insistia para nascer, e com você eu renasci, pois você me fez tomar a decisão de querer ser melhor do que vinha sendo. Obrigado por me fazer entender que a vida está para muito além do ser, do indivíduo e que o amor é a principal forma de superarmos qualquer barreira.

Agradeço também ao meu irmão Dorival, sempre disposto a cuidar e a partilhar, mostrando pra mim que o real sentido das coisas está naquilo que produzimos juntos e que as aprendizagens de dentro de casa são aquelas que realmente nos fazem. A dimensão do cuidado sempre foi a sua máxima. Agradeço-te por me mostrar que cada pessoa colabora ao seu modo e que a fusão disso é que nos proporciona sobreviver. Ao meu cunhado Arthur Melo, gratidão pelo constante apoio e incentivo tendo sempre a sua torcida declarada por minhas vitórias e comemorando junto cada uma delas, me inspiro pela braveza com que você enfrenta a vida.

Ao meu namorado Almino Cassiano, por entrar na minha vida com a impressão de que já estava há muito tempo. Você teve importante influência no final desse processo de escrita da dissertação, não só por formatar o meu texto e me ensinar funções e técnicas do editor de textos do computador que aceleraram em muito a escrita, mas principalmente por me acolher, me cuidar, me alimentar me fazendo experimentar “a sorte de um amor tranquilo” numa altura da vida em que eu já não acreditava mais na existência disso. Te amo Almino!

Aos meus amigos Bruno Damasceno, Wellington Santos, Márcio Durval e Leopoldo Rugiere, por estarem sempre por perto, por me ouvirem, me aconselharem e dividir comigo momentos intensos e muitas gargalhadas, e lá se vão quinze, na verdade vinte anos de convivência, trocas e a certeza de que com uma pequena ajuda dos amigos, conseguimos o inalcançável. Às amigas da graduação para a vida, as sociólogas Ana Paula Aviz, Grace Kelly Moura e Claudenia Mesquita, pelo suporte dado no grupo da rede social e nos cafés da tarde, a força e o companheirismo de vocês me proporcionaram o equilíbrio e a iniciativa necessários para retomar e concluir o mestrado. Eis aqui mais um motivo para comemorarmos juntos ao nosso modo.

As colegas de trabalho a Profa. Jennyffer Teles, a Profa. Lilia Cardoso e a Profa. Francilene Fiel por terem concedido as entrevistas extremamente valiosas para as análises e os resultados aqui apresentados. Foi muito importante sentir a dedicação e o entusiasmo demonstrados por vocês ao serem convidadas para fazer essa contribuição, foram momentos em que senti que eu não estava sozinho, que em momento algum eu estive sozinho. A todos os professores da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha pelas constantes contribuições dadas a esta pesquisa, e pelo incentivo sempre prestado a mim fazendo me sentir apoiado por uma equipe que torcia pelo sucesso dessa pesquisa. Ao Prof. Antônio Veras, diretor da escola, pela confiança e pelo apoio sempre dedicados a mim e por permitir as adequações necessárias para a viabilidade das viagens de Chaval à Sobral para assistir às aulas do mestrado. Muito obrigado meus amigos!

Aos estudantes da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, meus queridos e amados interlocutores da pesquisa, por estarem abertos e receptivos, e acreditarem que esse trabalho era possível. As trocas com vocês me proporcionam uma intensa formação e melhoramento do meu trabalho como professor, impactando também na minha formação enquanto ser humano. Muito obrigado senhores pré-universitários!

À psicóloga Laís Freitas pela parceria e significativas contribuições tanto para o trabalho de coordenador escolar, quanto para esse trabalho de pesquisa, foi primordial ter você como parceira nessa empreitada. Ao Centro de Referência de Assistência Social do Município de Chaval por estarem sempre abertos e dispostos a ajudar no que fosse possível, a sua parceria junto à escola fez diferença na vida de muitos jovens e famílias.

E aos amigos que fiz na turma do PROFSOCIO, alguns com quem reencontrei depois de quinze anos da graduação, outros com quem convivi ao longo da trajetória como professor de sociologia. Agradeço em especial à Ana Régia, Mateus Pinheiro e Ney Oliveira pelas longas e divertidas conversas sem hora pra acabar, pelos constantes áudios e mensagens de whatsapp, pelo apoio sempre devotado a mim e pelos ombros nos quais pude chorar contando com seu consolo e segurança. A Eldo, Mônica, Inês Mara, Aurea e Herbert pelas valiosas conversas de nos lanches de depois das aulas, onde ríamos juntos e dividimos nossas angústias com o mestrado e todo esse processo e a todos os demais que fizeram a turma 2 do PROFSOCIO da UVA.

Bem como aos meus professores do mestrado, às coordenadoras Profa. Dra. Diocleide Ferreira e a Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas, e aos que ministraram disciplinas em nossa turma Profa. Marina Mesquita, Prof. Dr. Nilson Almino, Prof. Dr. Marcos Paulo Campos, Profa. Dra. Isabel Linhares, Prof. Dr. Joanes Paullus, Prof. Dr. Rodrigo, Profa. Dra. Ivaldinete Delmiro, Profa. Dra. Isaurora Cláudia, Profa. Dra. Diocleide Ferreira a vocês todo o meu respeito e admiração, saibam que hoje carrego um pouco de cada um de vocês em minhas práticas docentes de sociologia no Ensino Médio.

À minha orientadora Profa. Marina Mesquita, por quem tenho profunda admiração, respeito e gratidão, por todos os ensinamentos, pela constante disponibilidade, pelos inúmeros momentos de orientação presencial no início, e depois virtuais, a forma como você me acolheu e se dedicou a essa pesquisa foi primordial para a sua realização. Professora, muito obrigado pelas palavras de incentivo, e estima e pelo respeito com o qual você sempre tratou meu trabalho mesmo diante de minhas inconstâncias.

À banca de qualificação Profa. Dra. Rosângela Pimenta e Profa. Dra. Diocleide Lima pelas valiosas sugestões, orientações, críticas e contribuições para o enriquecimento e construção desse trabalho, algumas delas decisivas para os encaminhamentos tomados de lá até aqui que redefiniram os trajetos dessa pesquisa. Às avaliadoras da banca de defesa Profa. Dra. Rosângela Pimenta e Profa. Dra. Zeneide Rodrigues.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) pela concessão de bolsa de estudos que financiou a execução dessa pesquisa e pela aprovação oportunizando concretizar esse sonho de pós-graduação na minha área de formação depois de mais de uma década afastado da Universidade, trabalhando com ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tenho orgulho de ter cursado um Mestrado Profissional em nível de pós-graduação *stricto sensu* gratuito e de qualidade, oferecido por instituições públicas renomadas.

A todos meus sinceros agradecimentos.

“a dor mais leve de se sentir é a dor do outro”.

(LE BRETON)

RESUMO

Nessa dissertação desenvolvo uma análise sociológica das ações dos diversos interlocutores da comunidade escolar diante das práticas de automutilação dos estudantes da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, do município de Chaval-Ceará. O público-alvo são os professores no tocante ao trabalho de acolhimento a estudantes praticantes da automutilação, no contexto do Projeto Professor Diretor de Turma. O objetivo geral deste trabalho é analisar os discursos e as ações dos professores diante das práticas de automutilação entre seus estudantes, partindo de uma experiência etnográfica vivida por mim em ambiente de trabalho, trazendo um caráter subjetivo a forma como o problema é observado, vivenciado, experimentado, interpretado e descrito. Discussões teóricas como a de Le Breton (1992) sobre a sociologia do corpo e a de Dayrel (2007) sobre juventude e escola fazem a fundamentação teórica. Foi utilizada metodologia qualitativa contando com as técnicas de observação flutuante e entrevistas semiestruturadas com roteiro de entrevista. A partir das respostas dos interlocutores e das observações feitas em campo temos como resultado a percepção de que inovações curriculares empreendidas pela Secretaria Estadual da Educação do Ceará impactaram o trabalho dos professores dessa escola, de forma a voltar as suas atenções para questões relacionadas à Saúde Emocional, demandadas pelos estudantes. Elabora-se um perfil de professor adequado a essas inovações curriculares que se aproxima do perfil praticado pelos professores de Sociologia. Dessa forma, concluímos fazendo apontamento como a disciplina de Sociologia pode, à luz dessas inovações curriculares, fazer investimentos em estudos sobre saúde emocional.

Palavras-chave: Saúde emocional, automutilação, juventude, ensino de Sociologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
JUVENTUDE, ESCOLA E AUTOMUTILAÇÃO.	25
Juventudes, Escola e Saúde Emocional.	26
Automutilação e as juventudes	30
MENINOS QUE SE CORTAM.	38
A observação participante, a observação flutuante e o ser afetado.	38
Chaval, a Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha e eu.	43
Performances corporais no contexto do PPDT: as lamúrias e o ato de matar aulas.	50
A automutilação como possibilidade de pesquisa no contexto do NTPPS	61
AUTOMUTILAÇÃO “É DA NOSSA CONTA”: DAS ENTREVISTAS.	66
“-Quando as lágrimas secam”: as entrevistas com os meninos que se cortam	70
A rede de parceria a partir do serviço da psicóloga do CRAS de Chaval	74
O discurso das professoras sobre automutilação na escola.	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado para o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO (UAB/UFC/UVA). Consiste numa análise das ações dos professores e da gestão escolar do Ensino Médio diante das práticas de automutilação acontecidas entre os estudantes, a partir do caso da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, da cidade de Chaval-Ceará.

Para tanto, foi observado o exercício da automutilação entre os jovens que estudam na Escola e analisadas as sociabilidades advindas a partir desse exercício, a fim de entendermos as posturas dos professores e outros profissionais da escola, que lidam cotidianamente com os jovens praticantes da automutilação, a partir das falas dos profissionais que lá trabalham e fazem atendimentos aos estudantes automutiladores.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os discursos e as posturas dos professores diante da automutilação dos seus estudantes. Isso partindo de uma experiência etnográfica vivida por mim em ambiente de trabalho, trazendo um caráter intersubjetivo a forma como o problema é observado, vivenciado, experimentado, interpretado e descrito aqui.

Para tanto, é também intenção dessa pesquisa, compreender de que forma a escola interfere no desenvolvimento das práticas de automutilação, percebendo as suas iniciativas de enfrentamento, às posturas adotadas, o impacto das ações desenvolvidas, a forma como a questão é abordada do ponto de vista pedagógico, analisando esses impactos, nos discursos produzidos pelos profissionais que trabalham com estudantes praticantes da automutilação.

Atentando também, para a forma como os estudantes utilizam a automutilação, quais são as justificativas que respaldam o ato de se autolesionar, tais como alívio de sofrimento, válvula de escape, descarrego emocional, forma de chamar atenção, condição para aceitação em grupos de amizade, mania/vício... É importante reconhecer que a automutilação é uma prática, portanto, tem implicações relacionadas à intencionalidade daquele que a pratica, essa intencionalidade é esclarecedora das muitas questões envolvidas na temática.

Pretendemos também aqui refletir sobre o quanto o ato de ferir o próprio corpo corresponde à lógica de nossa cultura contemporânea, e a forma como o jovem se entende como parte dessa sociedade, considerando o lugar de busca por identificação social enquanto o ser jovem, no sentido de exercitar a juventude, e o uso do corpo como um marcador social Damico (2006) de pertencimento e adequação.

No caso da pesquisa aqui realizada optei por usar a palavra automutilação por ser o termo sempre recorrente no campo observado, nas palestras da psicóloga, nos relatos dos estudantes que se cortam, nas palavras dos professores e outros profissionais da escola, sendo então a categoria frequentemente usada que localiza a prática na escola, portanto foi com essa nomenclatura que o campo me apresentou a prática. Ao usar o termo que predomina nas vozes dos interlocutores em campo pretendo deixar a linguagem deste texto mais aproximada da linguagem praticada por aqueles que o construíram, bem como, trazer uma familiaridade maior do leitor às falas dos interlocutores.

Considero aqui o ambiente da escola de Ensino Médio como espaço em que podemos observar práticas dos estudantes, relacionadas à automutilação. Uma vez que o ambiente escolar é favorável aos jovens para falar sobre o assunto, como Gonçalves (2016) analisa em sua dissertação de mestrado:

Até aqui, este estudo revelou que a escola é, sem dúvida, espaço de socialização da prática da automutilação. Nela, as meninas contam para as amigas, amigos e colegas suas experiências, dores e sofrimentos, expondo seus cortes e cicatrizes. Trocam-se informações, uns (as) escutam os (as) outros (as) e nos apresentam suas expectativas quanto à abordagem do tema corpo na/pela escola. (p. 104)

A autora faz uma abordagem sobre a automutilação partindo de um ponto muito parecido com o meu enquanto autor deste texto, que são as experiências no trabalho como coordenador escolar, numa escola onde a automutilação aparece como problema a ser enfrentado. Uma reflexão sobre o fato de a escola ter características muito favoráveis para que estudantes se mostrem, evidenciando suas práticas e trocando experiências, quanto a esse fenômeno.

A escola se torna um espaço privilegiado de observação das práticas de automutilação entre os estudantes, mas também gera desafios muito intensos para os profissionais que trabalham nela. O trabalho de pesquisa aqui proposto faz-se essencial nesse sentido, uma vez que através dele, poderemos perceber as diferentes manifestações da escola e dos profissionais que nela trabalham frente ao problema.

Temos nessa pesquisa, portanto, a oportunidade de pensar a escola como espaço de elucidação da automutilação, bem como espaço no qual se constrói saberes acerca desse fenômeno, nas trocas de experiências, nos aconselhamentos, nos relatos e nas buscas por ajuda. Saberes esses que podem contribuir fortemente para identificar, compreender, acolher e lidar com os estudantes.

Podemos afirmar que o problema da automutilação entre os jovens é uma prática muito presente entre as juventudes na contemporaneidade. Essa afirmação se pode inferir ao observarmos hoje um investimento maior das escolas no enfrentamento à automutilação, também uma recorrência maior de discussões sobre o assunto em outros espaços de sociabilidade juvenil, como por exemplo, as redes sociais da internet. Fortalecendo o argumento de que a automutilação é uma questão contemporânea da juventude, que é o nome da Linha de Pesquisa do PROFSOCIO à qual este trabalho está vinculado.

Outra evidência possível de ser observada é a promulgação da Lei nº 13.819 de 26 de abril de 2019¹, promulgada pelo Governo Federal brasileiro, que determina a comunicação obrigatória ao MEC sobre as ocorrências de práticas de automutilação e/ou de suicídio nas escolas do país. Ressaltamos inicialmente que esta lei preocupa-se e determina a comunicação dos fatos, não havendo nenhuma menção quanto a orientar professores sobre as atitudes para lidar com a prática na escola ou com seus impactos na aprendizagem.

A identificação desse problema, sua análise e a construção de saberes sólidos especializados a respeito, são uma demanda atual das escolas brasileiras, que trabalham com as juventudes. E a Sociologia pode dar fortes contribuições nessa construção de saberes, pois se trata de um tema contemporâneo, que tem ganhado visibilidade popular e chamado à atenção de diferentes instituições acerca da necessidade de ações voltadas para a sua compreensão.

A discussão feita neste texto contribui fortemente para os estudos que entendem o uso do corpo como veículo de identificação e comunicação do indivíduo, de seu contexto social, de suas experiências vividas, de códigos de sociabilidade e de suas trocas. Além de ser revelador da relação do indivíduo com a sua cultura e a sociedade na qual atua e faz parte, podendo, portanto, ser considerado também como subjetividades resultantes das relações sociais e de seus impactos nos indivíduos que a compõem e a constroem. Como Le Breton (1992) elucida ao pensar uma Sociologia do Corpo:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem. (p. 7)

¹<https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796> acessado em 12 de novembro de 2020.

O corpo é inclusive anterior à fala e às demais formas de sociabilidade entre os indivíduos. A partir da reflexão acerca desse vetor de comunicação da identidade social que é o corpo, Le Breton (2007) traz a reflexão sobre o quanto o comportamento corporal diz sobre nossos pensamentos e sobre nossas posturas sociais e nos aproxima do entendimento sobre quem somos. Enaltecendo a existência de uma performance social do corpo estruturada e anterior aos indivíduos que a exercitam, há uma expectativa social de como agir, em relação aos indivíduos, gerando identificação e familiaridade cultural junto aos seus pares.

Portanto, faz-se necessário dar ouvidos àqueles que usam o corpo para falar de suas dores, de seus problemas de saúde emocional, e do quanto os condicionamentos sociais repercutem na produção da condição de saúde e de existência enquanto juventude. Revela-se com o corpo questões que a fala poderia guardar, ou mesmo disfarçar, bem como as questões que a fala não consegue alcançar, em muitas situações a dificuldade de verbalização de determinados aspectos da vida, pode ser lida a partir da observação do comportamento dos indivíduos na forma como usam os seus corpos.

Para mim, autor desta pesquisa, se faz também um momento de entusiasmo poder estudar esta temática, uma vez que, foi a partir do trabalho desenvolvido como Coordenador Escolar, que o tema da automutilação me apareceu, trazida pelos professores que ouviam relatos dos estudantes que praticavam e pediam por ajuda. Tive que aprender na prática da rotina de gestão escolar a como auxiliá-los a lidar ou mesmo abandonar esse hábito, bem como onde buscar apoio e estabelecer um viés de colaboração com o serviço da Prefeitura Municipal de Chaval para de alguma forma ajudá-los.

Tal experiência que será descrita ao longo dessa pesquisa, afinal foi com essa vivência que a temática aqui investigada descortinou-se e abriu meus olhos para a necessidade de um tratamento analítico. Uma experiência profissional com fortes implicações na minha vida pessoal e na minha formação enquanto professor, enquanto Sociólogo e principalmente enquanto pessoa.

Esse relacionamento muito íntimo entre pesquisador e campo de pesquisa demanda uma discussão metodológica importante, pois é necessário pensar a construção da relação de pesquisa naquele ambiente e com aquelas pessoas - que eram meus colegas de trabalho - a posição de poder que a função de Coordenador Escolar proporciona e o quanto isso favorece ao desenvolvimento das observações.

Outra pontuação metodológica pertinente está relacionada ao constante impacto do campo em mim, um ser intensamente afetado (Fravte-Saad: 2006) pelo campo de pesquisa, considerando que as observações ao campo misturavam-se com o cotidiano de trabalho, fazendo necessária a busca de metodologias de observação que melhor se adequam a situação da pesquisa e as técnicas possíveis de serem utilizadas, considerando todos essas questões aqui elencadas.

Pretendo oferecer uma contribuição à educação, haja vista que, o desafio de lidar com jovens que provocam ferimentos no próprio corpo, pensar estratégias de acolhimento e enfrentamento, estabelecer parcerias, entender a configuração do problema dentro da rotina de trabalho, foi extremamente marcante para o meu desenvolvimento, e poderá servir de referência para outros professores que se depararem com questões como esta em seus ambientes de trabalho.

Mais que isso, entender o quanto essa prática comunica acerca de seus praticantes, verificando de que forma a intencionalidade comunicativa está presente e o tipo comunicação que se estima estabelecer ao abrir ferimentos na própria pele. Compreender melhor a prática, trazendo a reflexão sobre as falas e posturas dos professores e outros profissionais da escola, poderá nos revelar muito sobre os sistemas de significados que estão presentes nela, fornecendo condições de nos relacionarmos de maneira mais eficiente, com esses estudantes e com esse tipo de demanda trazida por eles para a escola.

Na escola que se faz o campo de observação desta pesquisa, deparava-me constantemente com casos de automutilação que consiste em lesionar partes do próprio corpo, na maioria das vezes, sem intenções suicidas. Ao longo de minha trajetória enquanto coordenador escolar, cada dia se fazia mais comum na escola, falar dos *meninos que se cortam*, esta é a adjetivação atribuída pelos professores, funcionários, pais e colegas, aos estudantes praticantes da automutilação, e pelos próprios automutiladores quando se referiam aos outros colegas que exerciam as mesmas práticas.

Para além do enfrentamento, que é legítimo, necessário e tem uma característica imediatista, pretende-se aqui entender os discursos - verbalizadas ou não - em torno dessa prática, considerando as vozes dos profissionais que acolhem os estudantes que se automutilam nesta escola, elegendo esse público, como os principais interlocutores da pesquisa. Consideraremos também as falas dos profissionais que os acolhem fora da escola, nos serviços de saúde e assistência social do município, bem como, as vozes dos próprios jovens estudantes que se automutilam.

Minha atuação na escola é anterior ao desenvolvimento das observações do campo, como professor efetivo de Sociologia, posteriormente também desempenhei a função de Coordenador Escolar, compondo o Núcleo Gestor até o fim do ano de 2019, daí retornei à sala de aula de Sociologia na escola durante o primeiro semestre de 2020. Hoje em dia atuo como professor de Sociologia na cidade de Sobral-CE.

O trabalho como Coordenador Escolar aproximou, favoreceu vínculos e empatia, uma vez que, uma das funções de coordenação é o acolhimento, escuta e encaminhamento dos estudantes para diferentes serviços, dentre eles saúde e assistência social, a partir das demandas trazidas pelos mesmos, quando estas ultrapassam as possibilidades da escola.

A partir desse trabalho de gestão escolar se estabelece uma aproximação muito intensa com os estudantes, criando vínculos de referências para assuntos íntimos de suas vidas e desabafos que, em muitos dos casos merecem atenção mais focada e especializada, por se tratarem de casos de saúde dos estudantes, principalmente de saúde mental e emocional. Foi daqui que se estabeleceu um canal aberto com jovens sobre questões às quais a escola podia cumprir papel acolhedor e aconselhador.

Favoreceu também a observação do trabalho dos professores junto aos estudantes, haja vista que essência do trabalho de gestão escolar se localiza nas investidas em prol do monitoramento e do melhoramento do trabalho dos professores. Perante os quais consegui exercer liderança e servir também como referência sobre a atenção docente possível de ser dada à saúde emocional dos estudantes, bem como o estabelecimento de uma rede de parceria.

Durante o período da pesquisa os professores têm sido constantemente convidados a experimentar novas metodologias de trabalho, que são voltadas para a requalificação das práticas docentes no ensino médio, com vistas a aproximar o trabalho docente e pedagógico às novas gerações de estudantes e suas demandas atualizadas. Esse não é um movimento isolado da escola aqui observada, pois a reforma do ensino médio é uma realidade presente na atualidade dos currículos das escolas brasileiras, a partir de novos empreendimentos do Ministério da Educação - MEC e da Secretaria Estadual de Educação - SEDUC, portanto um movimento a nível nacional.

Uma vez diante da seleção do Mestrado PROFSOCIO, no início do ano de 2019 pensei em realizar pesquisa que pudesse resultar numa dissertação de mestrado acerca dos sentidos das práticas de automutilação para o estudante da escola de Ensino Médio. Depois de aprovado, já nas primeiras aulas da disciplina de Metodologia da Pesquisa e nos primeiros encontros com a orientadora (1º semestre do mestrado, 2019.1), pensei em ousar mais, transformando o discurso criado pela investida etnográfica, num produto, propondo uma Intervenção Pedagógica que pudesse apoiar e servir de insumo para outros profissionais da área.

Porém essa ideia se tornou inexecutável a partir da instauração mundial de uma Pandemia causada pela disseminação do Coronavírus causador da COVID-19, uma doença desconhecida até então, para a qual não havia um protocolo médico pré-elaborado para orientar como deveríamos proceder e muito menos um tratamento estabelecido para os acometidos pela doença, causando o Isolamento Social individual e a proibição do uso de lugares de circulação comum às pessoas, tais como a escola.

Mediante a Pandemia da COVID-19 que esvaziou as escolas e comprometeu suas sociabilidades, bem como o atraso no processo de pesquisa e no curso do mestrado pela mesma razão, além da minha mudança da cidade de Chaval para a cidade de Sobral, necessitei repensar muitas questões relacionadas ao andamento da pesquisa. Decidi, portanto, mudar a perspectiva e o objetivo geral da pesquisa, passando a observar agora as posturas tomadas pelos professores e outros profissionais da escola, acerca da automutilação, a sua relação com esta questão e com os estudantes na escola.

Para além da consideração como algo patológico e da necessidade de tratamento médico e psicológico que não se aplica à todas as pessoas que se autolesionam, não podemos deixar de considerar a compreensão acerca da Automutilação enquanto elemento complexo das culturas juvenis, que tem se evidenciado na contemporaneidade. Uma vez, que ela está presente nas redes sociais da internet, nas músicas e depoimento de artistas de sucesso mundial consumidos por jovens, em seriados de televisão e na escola, espaço a partir do qual essa pesquisa se realiza.

Uma das questões está nos sentidos atribuídos à prática de automutilação pelos *meninos que se cortam*, e o quanto esse sentido está relacionado às suas vidas, sua cultura, seu meio social, enfim, sua forma de estar no mundo. A análise dessa prática nos ajudará a compreender o que é ser jovem no mundo contemporâneo, evidenciando as suas particularidades e seus marcadores sociais. Demandamos então de material que nos descortine o fenômeno da automutilação, do ponto vista compreensivo e analítico.

Essa questão por muitas vezes não é considerada pelos profissionais da escola, haja vista que, seus empreendimentos sempre são no sentido de combater a prática e impedir que os estudantes continuem a provocar ferimentos no próprio corpo. Atitude primeira, que nos parece instintiva, diretamente relacionada ao ato de preservar a vida, afinal é facilmente compreensível, ou até mesmo óbvio, porque devemos impedir uma pessoa de abrir ferimentos no seu próprio corpo.

Por se tratar de uma relação forte e direta com o corpo - dos indivíduos com seus corpos e as implicações sociais resultantes disso - aproximamos as observações dessa pesquisa a teorias construídas na perspectiva Antropológica. É comum na Antropologia tratarmos das questões relacionadas ao corpo, afinal as práticas corporais, dentre elas a automutilação, tem uma relação muito forte com a cultura das pessoas que as praticam, não havendo uma única dimensão de análise dessas práticas, mas sim a possibilidade de sua análise de um ponto de vista multidimensional.

Existem teorias estruturadas e elaboradas acerca dessas diferentes práticas culturais envolvendo o corpo e o seu lugar social na perspectiva da ritualização, geralmente na passagem de uma fase para outra da vida que por muitos casos é marcada pelas mudanças corporais, dentro dos diferentes contextos e realidades relacionadas ao lugar que se observa.

No trabalho aqui presente, apresentamos um diferencial muito claro em relação a outros trabalhos de pesquisa sobre automutilação, realizados na área das Ciências Sociais, que é o foco na escuta dos professores da escola, que convivem diretamente com os estudantes que se automutilam. Observando o processo de acolhimento dos professores, tanto nas conversas com eles, quanto no encaminhamento para outros serviços fora da escola.

Para tratar dessa questão, lançamos mão de teorias que dissertam sobre a Sociologia e Antropologia do corpo, que pensam o corpo como marcador social forte de identificação cultural e de comunicação com o seu meio social, além de outras perspectivas acerca da consideração do corpo em estudos de Ciências Sociais. Usamos também como referenciais teóricos pesquisas sociológicas específicas sobre juventudes que discutem sobre o conceito de juventude e como essa categoria está presente nas sociedades, e mais especificamente no ambiente escolar, uma vez que a ambientação se faz necessária, mediante o campo que está sendo pesquisado.

A partir da interlocução com os estudantes, pretende-se perceber: como os estudantes que praticam automutilação se sentem tratados pela escola? De que forma as relações na escola são causadoras de transtornos emocionais? Como a automutilação é usada pelo jovem que pratica? Quais as sensações que são despertadas ao se cortarem? Quais as características sociais que são comuns aos estudantes praticantes da automutilação? Dentre outros questionamentos, que garantem o caráter analítico e reflexivo da investigação aqui proposta, além de proporcionar ao jovem uma elaboração crítica acerca de sua prática.

Consideramos também o cuidado com o tratamento metodológico, pois é preocupação constante no desenvolvimento deste trabalho, principalmente a partir de dois pontos: I - pela relação do pesquisador com o seu campo de pesquisa, que evidencia uma situação curiosa, contornada por grande familiaridade e apego emocional; e II - pelo impacto da Pandemia de COVID-19, que provocou o isolamento social, esvaziou as escolas e, conseqüentemente, desencadeou adoecimentos psicológicos de várias ordens.

Pensando na metodologia desta pesquisa nos remetemos à construção de uma etnografia, ou seja, a interpretação escrita de uma cultura que está sendo observada, no caso a posição do observador é a de um integrante dessa cultura, ele faz parte, com papel social importante e bem demarcado. As questões etnográficas precisam aqui ser repensadas, uma vez que nos trazem questionamentos a serem refletidos, no tocante aos relacionamentos de poder (Foucault: 1975) exercitados em campo e o preparo do olhar do pesquisador, para que possa se entender numa posição híbrida, ao mesmo tempo em que é o pesquisador, é também um dos informantes da pesquisa.

Não deixando de considerar também que exercia cargo de gestão escolar perante aos professores e estudantes, pois era coordenador escolar no período das observações do campo, isso facilita o acesso aos professores e diferencia a minha perspectiva de observação, uma vez que estava fora da sala de aula, podendo reparar em ações que estão fora do contexto da aula, essa preocupação é constante e colaborativa para a qualificação da metodologia utilizada.

As entrevistas são também parte muito importante para a metodologia desta pesquisa, considerando que elas nos trazem a possibilidade de registro e consulta posterior, algo impossível apenas com as metodologias de observação do campo, outra vantagem é que o próprio interlocutor entrevistado está num momento que lhe proporciona reflexão sobre o campo, olhando ele de fora o que tem impacto em seu discurso e requalifica a entrevista.

O formato deste texto foi pensado para que se pudesse entender a construção do objeto de estudo e cumprimento de seu objetivo geral, ao longo da pesquisa, tendo então uma divisão em três partes, sendo a primeira delas a teorização, seguida pelos procedimentos etnográficos, e concluído com a análise mais focada nas falas dos profissionais acerca dos *meninos que se cortam*. Essa divisão permite que o leitor possa pensar à luz do autor deste trabalho, a lógica que permeia a sua elaboração.

O primeiro capítulo intitulado “Juventude, Escola e Automutilação” trás uma discussão sobre o conceito de juventude e sua relação com a escola: abordando o conceito de juventude relacionado com o contexto escolar, dialogando com autores que reconheçam a escola como o espaço escolhido pela juventude para diferentes práticas de sociabilidade, que por vezes podem nada ter haver com as atividades clássicas de uma escola, mas que dizem muito sobre as sociabilidades desencadeadas nesse espaço durante essa fase da vida.

Necessária também uma discussão sobre o conceito de Automutilação: trazendo explicações sobre em consiste esse conceito, utilizando-se das definições encontradas para o termo nas teorias estudadas e no campo de estudo, diferenciando de outras manifestações que envolvem algum tipo de lesão ao corpo, deixando claro o conceito de automutilação considerado aqui, para orientar a pesquisa e a condução da escrita do texto.

Fazemos um levantamento de estudos sobre a Automutilação na escola, trazendo para o texto autores que já escreveram sobre o tema, como se caracterizam as suas abordagens, em que pontos se aproximam da perspectiva deste texto e em que pontos se distanciam dessa perspectiva, isso também ajuda a compreender o recorte temático, que a pesquisa escolhe ao conceituar juventude e automutilação.

No segundo capítulo deste trabalho, intitulado “*Meninos que se cortam*” vemos como a automutilação funciona no campo em que a pesquisa se desenvolve, a partir de dados reunidos pelo pesquisador na escola com uso das técnicas de observação *in loco*. Podemos perceber os usos atribuídos pelos estudantes, à prática da automutilação e as implicações dela em suas relações cotidianas, bem como, em seus condicionamentos de saúde emocional e na rotina escolar. A fim de entendermos a forma como a questão aparece para os professores, o que torna as suas posturas e tomadas de atitude mais compreensíveis, justifica o estabelecimento de uma frente de combate ao ato de automutilar-se.

Fazemos, portanto, uma apresentação do campo de pesquisa levando em consideração o *lugar* do pesquisador nesse contexto, e a relação com a Automutilação e com seus interlocutores, abordando as questões etnográficas, evidenciando a forma como se dá o relacionamento do pesquisador com o campo de pesquisa e as interlocuções exercidas, a partir desse relacionamento, no contexto da realização da pesquisa, além da apresentação da escola e da cidade, entendendo em que cenário a investida etnográfica é desenvolvida. Cabe também uma reflexão acerca das metodologias utilizadas para a construção do trabalho etnográfico a partir das relações estabelecidas com o campo e os interlocutores, bem como as discussões teóricas possíveis a partir da trajetória metodológica estabelecida.

Aqui também consta uma discussão conceitual sobre a trajetória metodológica moldada pelos condicionamentos do campo de pesquisa e do lugar do pesquisador, partindo de uma análise conceitual das investidas etnográficas de outros autores que preocuparam em redesenhar o jeito de fazer pesquisa com as técnicas da observação participante (W.F. Whyte, 2005) e da observação flutuante (Pétonnet, 1982) e as considerações sobre ser afetado (Fravte-Saad: 2006). Essa discussão é fundamental e muito útil para conseguirmos compreender de que forma o tema da pesquisa foi compreendido e usado aqui, e nos dimensionar acerca da perspectiva metodológica desempenhada.

É importante percebermos nessa segunda parte do texto, a existência de mudanças no currículo da escola, que estabeleceu perspectivas profissionais inovadoras aos professores, que precisaram modificar suas posturas e repensar seu relacionamento com os estudantes. Essas mudanças curriculares contribuíram fortemente para voltar à atenção da escola para a saúde mental e emocional dos estudantes, para alguns professores a construção de uma performance acolhedora e atenta à questões que estão para além do ensino propedêutico, significa forte desafio profissional.

O terceiro capítulo intitulado “Automutilação “*é da nossa conta*”: os discursos produzidos nas entrevistas” evidencia as falas dos entrevistados que são os estudantes que praticam a automutilação, os professores da escola, que se relacionam com os *meninos que se cortam*, bem como da psicóloga da Prefeitura Municipal de Chaval que atende aos jovens encaminhados pela escola, ela trabalha na Secretaria Municipal de Saúde e no Centro de Referência da Assistência Social de Chaval.

Procuramos entender como a automutilação aparece para essas pessoas e as tomadas de atitude empreendidas por eles mediante os casos de automutilação com que se deparam, bem como, as formas como eles enxergam os estudantes praticantes da automutilação. Importante também aqui termos desenhado um perfil desses profissionais, considerando que em maioria foram eleitos pelos estudantes para escutarem seus relatos sobre a automutilação e essa eleição está carregada de sentidos advindos da observação de uma postura profissional na escola.

Há ainda a oportunidade de terem sido pegos de surpresa deparando-se com a prática dentro da escola, por vezes em sala de aula, inclusive, situação na qual uma tomada de atitude se faz indiscutivelmente necessária, porém dificilmente o professor estará preparado para agir de forma assertiva e segura, pois é uma situação delicada e complexa, um desafio para o docente. Entender como foi essa tomada de atitude e como o professor enxergou o estudante nessas situações é uma rica análise para esta pesquisa.

É importante entender a que recursos o professor lançou mão, que experiências isso lhe gerou e de que forma esse desafio lhe serviu no sentido de engrandecimento profissional, pode também nos fornecer indícios de como esses profissionais são vistos na escola pelos seus alunos e que tipo de referências eles se tornam a partir dessa visão. Afinal o perfil profissional vai se redesenhando a partir dos empreendimentos tomados em nossas rotinas e ambientes de trabalho, não deixando de ter impactos na sua formação pessoal.

Entendemos com essa parte final do texto que a automutilação se torna um problema da escola, convidando diferentes atores a agirem mediante as práticas, saindo da perspectiva individualizada e entendendo que por mais que seja um ato de muita intimidade, no qual o jovem se relaciona com o seu próprio corpo, envolve toda uma rede de cuidados para que as saúdes física e psicológica sejam garantidas.

A partir daqui temos a oportunidade de oferecer indicativos de como a Sociologia pode trabalhar saberes sobre a automutilação e outras questões de saúde mental e emocional em seu currículo, elegendo-a como um conteúdo próprio dessa disciplina, a partir da identificação da automutilação como um dos pontos de atenção dos estudos sociológicos, inclusive da Sociologia para o Ensino Médio.

Essa proposição pode ser pensada a partir de duas perspectivas, a primeira delas é a de que a docência em Sociologia, de maneira geral, faz do professor um profissional mais próximo do perfil exigido agora para as inovações que foram potencializadas pelas reorganizações curriculares do ensino médio brasileiro, com a implantação da nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC e os empreendimentos em prol do Novo Ensino Médio; e a segunda é que as metodologias potencializadas pelas inovações curriculares aproximam e favorecem um diálogo, que se usado nas aulas de Sociologia, poderão proporcionar novas possibilidades de construções de aprendizagens mais eficientes e significativas aos estudantes do que as que têm sido praticadas nas escolas atualmente.

Trata-se aqui de um esforço acadêmico motivado pela oportunidade de oferecer aos colegas professores um indicativo teórico do qual senti muita falta em minha experiência com a Automutilação na escola. Uma atitude de trazer estudo científico favorável e de utilidade prática que poderá contribuir para os professores, não só na elaboração de suas práticas profissionais, mas também para se repensarem e se refazerem enquanto referências aos estudantes para quem trabalham.

Capítulo 1. JUVENTUDE, ESCOLA E AUTOMUTILAÇÃO.

Falar sobre Juventudes e suas sociabilidades no espaço da escola, nos remete a questões que impactam diretamente na elaboração de suas escolhas, suas trajetórias e seus projetos de vida. O Ensino Médio acontece numa fase de passagem da juventude para a vida adulta, ao final dessa etapa escolar o estudante toma decisões fortes que poderão definir seu futuro profissional, tendo a entrada na Universidade e no mundo do trabalho como dois objetivos constantemente cobrados ao final dessa etapa, entendendo o Ensino Médio como uma fase de preparo pra esses desafios que se anunciam sendo forte o peso das decisões nessa etapa da vida escolar.

Essa condição de estar na escola com intuito de preparar-se para a vida adulta está expressa pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/1996, em seu artigo 2º que versa sobre o objetivo da educação básica dizendo que este está voltado para a entrada no mundo do trabalho e o exercício da cidadania, deixando clara que esta é a função primordial do processo educativo e da aprendizagem na Educação Básica Nacional:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (p. 2)

Por conta disso, o Ensino Médio é um período em que se desencadeiam vivências e experiências que marcam fortemente o indivíduo. Porém, é necessário pensarmos o jovem como um ser que estabelece relacionamentos no agora, trazendo para a dimensão do presente as suas práticas de autoafirmação e seus marcadores de identificação social.

Na escola se constrói vivências e experiências que para além do caráter preparatório para o futuro, elas estão localizadas no agora, como (Dayrel, 2007) questiona em seu texto: “A escola faz a juventude?”, enaltecendo uma construção de identidades que marcam a etapa escolar e caracterizam o que é ser jovem.

Além do mais, predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e os atores juvenis na sociedade. É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser”, projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo. Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno” muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (p.1117)

A possibilidade de o professor aprender com seus alunos poderá ser mais eficientemente praticada, na medida em que os professores adotem posturas de acolhimento e escuta, a fim de entender as demandas trazidas pelo jovem à escola e a possibilidade de a escola atendê-las com maior assertividade. Há uma espécie de silenciamento do jovem na escola, traduzida muitas vezes em atos disciplinadores, ou mesmo em atos de garantia do processo de aprendizagem. Eles acabam afastando cada vez mais a escola dos outros espaços de aprendizagem da vida dos jovens, fazendo com que suas sociabilidades vivenciadas nesses outros espaços possam vir a se tornarem mais significativas.

Ressalta-se que a distância entre professores e estudantes já é bastante marcada por uma diferença de idades que causam conflitos de gerações, muitas das experimentações vividas pelos estudantes hoje como normal, natural como a convivência em redes sociais da internet, têm sido experimentadas pelos professores como um desafio, uma grande novidade, a qual muitos dos professores viram ser inseridas em suas rotinas, tendo uma vivência anterior à esse tipo de experimentação, que gera resistências e estranhamentos, o conflito de gerações podem trazer disputas que marcam de maneira mais contundente essa distância entre a escola e o estudante, o principal prejudicado aqui é o processo de aprendizagem.

O presente estudo ganha então relevância social, política e acadêmica intensas, pois sugere inovação, uma vez que já se observa um número extenso de trabalhos de pesquisa na área de Ciências Sociais abordando a temática das emoções, ou mesmo da saúde emocional, consideremos também que é impossível abordarmos essa temática sem trazer à tona discussões sobre aspectos teóricos da literatura produzida pela área da saúde também.

1.1. Juventudes, Escola e Saúde Emocional.

Ao longo do processo de observação em campo, uma certeza começou a permear meus pensamentos, a de que o Ensino Médio traz complexidade para o ser jovem, complexidade essa que é característica dessa fase da vida. Como Oliveira (2016) infere:

A juventude é uma “fase da vida” que provoca muitas mudanças e novas responsabilidades. Ser jovem suscita questões que vão desde as transformações físicas até o aumento das responsabilidades que devem assumir na vida adulta. O fato é que ser jovem não é fácil justamente por ser uma “fase de transição”. Se por um lado espera-se dos jovens a assunção de responsabilidades, por outro há uma crença que estes são as causas de muitos problemas sociais, como violência, gravidez precoce, hedonismo exacerbado, dentre outros. (p.2)

A juventude configura-se aqui como um período complicado e difícil, graças ao seu caráter transitório, ao falarmos em juventude é comum entendermos que algumas situações do passado infantil precisam ser abandonadas, porém algumas situações do futuro adulto ainda não podem ser permitidas, o que torna mais complexa a definição de um lugar social da juventude em nossa sociedade.

A categoria juventude é tema sociológico largamente estudado, desde a sociologia clássica, tornando-se um tema importante para definição do conceito de sociedade e de seu entendimento, portanto, podemos inferir a máxima que estudar juventude é de interesse sociológico, como explicita Bungestab (2017):

O primeiro aparecimento de uma concepção de juventude surgiu em Rousseau (1973) onde vemos claramente que há uma diferenciação entre a criança, o adolescente e o adulto. No entanto, como bem ressalta Perez Islas (2006), a juventude começou a ser sociologicamente debatida a partir da década de 1920. Diversas foram as categorias criadas para enquadrar determinados tipos de pesquisas e posicionamentos acerca da juventude. Dentre essas, destacam-se a escola de Chicago que considerava o jovem como um problema social. Desse modo, a juventude era vista como um agrupamento cultural homogêneo que se estabelecia as margens da cultura dominante, muitas vezes, de forma anômica a essa. O comportamento juvenil, então, tido como desviante, era basicamente recorrente nos centros urbanos periféricos. (p. 91)

Percebe-se então que o interesse pela categoria juventude é histórico para as Ciências Sociais, porém esse conceito está em constante revisão e sua consideração vem mudando ao mesmo tempo em que sua configuração social se remodela. Não há uma concentração desses estudos em apenas uma corrente de pensamento sociológico, mas sim em muitas e diferentes correntes o que denota a magnitude e complexidade do conceito.

A juventude costuma ser apresentada como uma fase complexa da vida, por se tratar de constante e intenso período de transição, cheia de transformações e descobertas, que causam conflitos de todas as ordens. O corpo muda e novas sensações são experimentadas, a sexualidade está em pleno desenvolvimento e as relações sociais se reconfiguram. O caráter transitório da juventude torna o processo mais confuso, e convida o jovem a quebrar determinadas barreiras e se reinventar frente às novas situações e condicionamentos, colocando-o quase sempre numa postura de imposição e autoafirmação diante de tudo e, principalmente, dos adultos.

Essa inquietação e transitoriedade podem ter menos a ver com a idade cronológica, e mais a ver com o condicionamento social ao qual a pessoa está submetida, nesse sentido a juventude não seria demarcada necessariamente pela idade, mas sim pelas condições e pelo status social, como infere Bourdieu (1983):

O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. Quando passamos dos intelectuais para os diretores executivos, tudo aquilo que aparenta juventude, cabelos longos, jeans, etc., desaparece. (p. 113)

Aqui o autor coloca a juventude num lugar de condicionamento, construído a partir do conflito, na tensão entre ser jovem e ser velho, sendo o significado dessas duas categorias é fruto de uma disputa pelo poder, entendendo esse conceito como dinâmico, desprendido da cronologia e com transitoriedade sobre seu entendimento, sua conceituação, portanto é uma variante mutável e somente possível se diretamente relaciona a um determinado contexto.

Outros autores pensam a juventude não como um signo, mas como um conceito transitório, volátil e de significação subjetiva, uma vez que existe uma série de condicionantes próprios da juventude que a caracterizam, evidenciando-a como categoria sociológica que é revisitada e remodelada.

Ser jovem, portanto, não depende somente da idade como característica biológica, como condição do corpo. Tampouco depende do setor social, com a conseqüente possibilidade de aceitar de maneira diferencial a uma moratória, a uma condição de privilégio. Há que se considerar também o fato geracional: a circunstância cultural que emana de ser socializado com códigos diferentes, de incorporar novos modos de perceber e de apreciar, de ser competente em novos hábitos e destrezas, elementos que distanciam aos recém-chegados do mundo das gerações mais antigas (MARGULIS & URRESTI, 1996).

Essa fase de passagem é observada entre a maioria dos estudantes da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha de Chaval-CE, que são interlocutores desta pesquisa, na qual alguns deles ainda apresentam aspectos da infância, porém estão em pleno preparo para a fase adulta, de quebra e de reconstrução da personalidade, o indivíduo sente-se, por vezes, perdido e procura reestabelecer marcos de sua identificação social. Hora esses marcadores sociais são de fortalecimento de seus aspectos culturais e de pertencimento a uma determinada sociedade, hora de rompimento e de negação aquilo que lhes identifica como pertencentes a uma determinada sociedade.

É presente nas pessoas que estão nessa etapa da vida uma constante necessidade de autoafirmação, de processos de formação e identificação com seus grupos de sociabilidade. Convidando a descortinar aspectos de seu mundo e vivenciar rupturas, que podem gerar desconforto e falta de identificação, causando muitas vezes episódios de sofrimento e outros comprometimentos de sua saúde emocional e saúde mental.

Daí vive um processo que se confundirá, durante toda a juventude, com preparo para a vida adulta, no entanto, muitas das manifestações denotam protagonismo e autoafirmação situados no agora, não como ensaio para a vida adulta, mas na busca de afirmação no presente, no reconhecimento e estabelecimento, ou mesmo imposição de seu lugar social.

Ao falarmos de juventude é comum nos remetermos ao ambiente escolar, afinal a escola é espaço de muitas das sociabilidades vividas por eles: relacionamento social intenso e dinâmico, necessidade de autoafirmação e busca de identificações, ausência dos pais, desenvolvimento de novas práticas entre seus pares. Essa condição gera ao jovem sensação de maior autonomia e poder, cenário ideal para realizar sua sociabilidade e de explorar suas potencialidades acadêmicas, artísticas, esportivas e sociais.

Esse espaço de sociabilidade e produção de conhecimentos que é a escola costuma ser usado pelos jovens como lugar para exposição de suas questões emocionais e psicológicas também, por ser um ambiente familiar, com caráter profissional Teixeira (2008), no qual a grande maioria de seus ocupantes é da mesma idade e estão passando por conflitos parecidos. O estudante encontra ali alento, amparo e ambiente favorável para colocar suas questões para aqueles eleitos como os seus confidentes. É de extrema importância pensar no quanto a escola é espaço revelador e de exercício de práticas relacionadas às questões emocionais, que tem impacto direto nas condições de acesso, de permanência e de aprendizagem de seus estudantes.

A valorização de outros espaços de aprendizagens que impactam também na aprendizagem escolar, nos leva a refletir sobre as condições dessa aprendizagem, fatores como estrutura familiar, moradia, trabalho e renda são fatores de forte impacto na aprendizagem. Por muitas situações o processo de escolarização é comprometido pela necessidade de o jovem trabalhar para complementar renda familiar, isso muitas vezes ligado à emigração para grandes centros urbanos, também é comprometido pela gravidez na adolescência, fazendo o abandono escolar um fenômeno muito presente nas realidades principalmente das escolas públicas onde estão os jovens com as maiores situações de pobreza e vulnerabilidade social.

Outro fator também de forte impacto na aprendizagem é a saúde do estudante, tal preocupação está inclusive reconhecida no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil, um documento lançado pelo Ministério da Educação do Governo Federal, que desde o ano de 2018 propõe reformulação nos currículos. Ao elaborar as dez competências gerais para a educação básica, em sua competência 8 diz: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas”².

Isso nos traz o indicativo de que os novos empreendimentos nos currículos escolares proporcionam espaços para que a escola volte a sua atenção também para a saúde emocional dos estudantes, esse espaço apesar de estar sendo aberto pela escola, é conquistado e tomado por aqueles que demandam esse tipo de atenção mais específica.

Uma pergunta fundamental e primordial nessa análise é: como a juventude se relaciona com a automutilação? O que nos seria impossível responder sem estabelecer um recorte temático para explicitar a conceituação desses dois termos no contexto desta pesquisa. Na sessão que se segue o investimento é exatamente esse, explicar a forma como o conceito de automutilação aparece no campo de pesquisa e de que forma as teorias nos ajudam a identificá-lo e estabelecer o recorte.

1.2. Automutilação e as juventudes

Em meio às questões trazidas pelos jovens para a escola, aparece o fenômeno da automutilação que se configura a partir de ato praticado pela pessoa cujo objetivo é causar dor, ferimentos, sangramento em seu próprio corpo. Anteriormente essa prática era associada às intenções suicidas, estando às falas sobre automutilação normalmente ligadas também ao suicídio, porém Santos (2018) nos ajuda a pensar a formação desse conceito, dizendo:

Deste modo, até meados da década de 1980, a automutilação era considerada uma prática marginalizada e associada a atos simbólicos relacionados ao suicídio (LE BRETON, 2003 citado em JATOBÁ, 2010). Posteriormente, Favazza (2007) desenvolveu um sistema de classificação, o que possibilitou aos profissionais da área da saúde mental perceber que a automutilação envolvia um conjunto de comportamentos que necessitava de mais pesquisas. Em suma, a automutilação passou a ser definida por este autor como todo ato que envolve a intenção de uma pessoa modificar ou destruir, por vontade própria, uma parte do tecido do corpo, sem ter a finalidade de cometer o suicídio através deste ato. (p. 52)

² Conferir em <https://www.sistemamaxi.com.br/o-que-a-bncc-diz-sobre-o-ensino-socioemocional/>. Acessado em 27/08/2021, às 09hs.

A automutilação é definida como qualquer comportamento, intencional, envolvendo agressão direta ao próprio corpo, sem intenção suicida e por razões não compreendidas socialmente ou culturalmente. Essa incompreensão está localizada principalmente nos seus não praticantes, que no contexto desta pesquisa são colegas de escola, pais e responsáveis, professores, gestores e funcionários da escola.

Ligar a prática da automutilação ao suicídio talvez possa servir como um recurso de tentativa facilitar a compreensão desses atos, porém o autor David Le Breton (2010) os considera como um grito pra viver, uma tentativa de manter-se vivo afastando-se da ideia de uma atitude de autodestruição ou de finalização da própria vida:

Os atentados à integridade corporal, em princípio, em nada dizem respeito à hipótese de morrer. As incisões, as escarificações, as queimaduras, as agulhadas, os cortes, os esfolamentos, as inserções de objetos sob a pele não são um indício de uma vontade de se destruir ou de morrer. Não são tentativas de suicídio, mas tentativas de viver (Le Breton, 2007). São a melhor forma de bricolage significados em seu corpo, sacrificando uma parte de si para poder continuar a existir. A ferida autoinfligida é oposição ao sofrimento, ela é um compromisso, uma tentativa de restauração do sentido. (p. 28)

Nesse sentido, a prática da automutilação pode ser vista como uma forma de lidar com problemas psicológicos e com a própria tendência suicida, no sentido de amenizá-las, dando vazão física, estabelecendo uma válvula de escape da dor. A partir de outro olhar também pode ser entendida como um pedido de ajuda, feito a fim de chamar a atenção daqueles que oportunamente podem ajudar. Fica então entendida como uma espécie de fonte de prazer que faz diminuir os sintomas de sofrimento emocional substituindo-o por sintomas físicos.

A visibilidade dessa prática tem se tornado mais intensa entre os jovens na contemporaneidade, acompanhados por um processo de maior vazão dos seus conflitos, o que nos faz atentar para o impacto disso em suas vivências e, mais especificamente, no desenvolvimento de sua vida escolar. Uma consequência dessa visibilidade é o crescimento também constante do interesse de pesquisadores pelo tema, enquanto objeto de estudo, nos fazendo perceber a abertura de alguns vieses de análise diferentes acerca da temática abordada, como nos esclarece Vieira (2016):

Ao longo dos anos, tem-se observado um crescente interesse da comunidade científica pelo comportamento de automutilação. Embora não haja um consenso sobre as causas desse comportamento, ele é associado a transtornos mentais e gera relativa tranquilidade psíquica para suportar a confusão mental, representando um grande impacto na vida do indivíduo que se automutila. (p. 28)

O tema da Automutilação tem ganhado então visibilidade como objeto de estudo das Ciências Sociais, na contemporaneidade. Em sua maioria, as pesquisas recorrem ao ambiente escolar para serem desenvolvidas, devido a sua grande concentração de jovens, que é a fase da vida em que se encontram a maioria dos praticantes da automutilação. O que nos possibilita correlacionar essa pesquisa a outras realidades contemporâneas, que envolvem escolas e juventudes.

É interessante repararmos que o conceito de automutilação não é o único usado para descrever os atos de ferir o próprio corpo, para alguns pesquisadores e para a classificação da OMS também, o conceito ideal seria o de autolesão. Como fica explicitado na pesquisa de mestrado de Clécia Nascimento (2020) quando a autora infere:

Segundo Sant'Ana (2019), a OMS e a classificação de doenças e problemas relacionados à saúde catalogou em 2008 a autolesão não-suicida como uma doença caracterizada por atos intencionais, repetitivos e estereotipados e comportamentos autolesivos ou automutiladores que possuem as seguintes atitudes “bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, cortes, queimaduras, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo.” (SANT'ANA, 2019, p. 124). (p. 18)

Nesse caso, a pesquisadora usa com mais frequência o termo autolesão, que também é mais encontrado na literatura a respeito do tema. Uma distinção entre os dois termos é muito importante para o entendimento das práticas que estamos observando, afinal a diferença entre autolesão e automutilação se faz pelo entendimento de automutilação ser interpretada como uma dissipação, no qual um pedaço da pele ou mesmo de um membro é separado do corpo da pessoa a partir do corte ou de uma pancada, e a autolesão ser interpretada como cortes, perfurações ou outros ferimentos provocados sem que haja uma dissipação da parte lesionada do corpo da pessoa.

Podemos observar muitas pesquisas e outras produções acadêmicas acerca da temática da automutilação, mesmo ainda não sendo suficientes para termos conhecimentos sólidos e consolidados acerca dessa temática. Como nos coloca Giusti (2013):

[...] ainda há muito que se estudar a respeito. Os estudos existentes são controversos quanto à definição da automutilação, o que leva a divergências quanto à prevalência. Também a maioria dos estudos foi realizada com população de adolescentes e adultos jovens, e muito pouco se sabe sobre a evolução e consequências desse comportamento longitudinalmente. Como resultado da falta de estudos a respeito, ainda não há um tratamento mais específico para esses quadros. (p.3)

O crescimento da produção acadêmica acerca do tema da Automutilação atualmente tem gerado uma literatura mais vasta e uma problematização maior das discussões, no Brasil, já existem estudos sobre automutilação (NASCIMENTO, 2020), (SANT'ANA, 2019), (LUNA, 2010) (GIUSTI, 2013), (GONÇALVES, 2016)..., nos possibilitando reparar em características mais generalizantes sobre o fenômeno, bem como, nos possibilita também pensar acerca das diferentes influências que os contextos sociais exercem sobre as práticas de automutilação e garantem o reconhecimento também de características específicas e contextualizadas.

Na medida em que, se produz pesquisas acerca do tema, ganhamos a possibilidade de melhor compreendê-lo e fornecer insumos que referenciam e apoiem àqueles profissionais que, em suas sociabilidades no ambiente de trabalho, se deparam com essas práticas, como, no caso dessa pesquisa, os professores e demais trabalhadores da escola em que as práticas foram observadas e analisadas.

Ao deparar-se com jovens praticando a automutilação, é comum questionar sobre os motivos que os levam a essa prática, ou qual a utilidade emocional que ela tem para alguém num quadro de transtorno psicológico e o sentido dessa prática para quem a usa. Existem sensações, descargas emocionais, paradigmas simbólicos, influências e condicionamentos que precisam ser observados nos estudantes para que possamos entender quais caminhos devem ser adotados nesta investigação. Como orienta Le Breton (2010):

O jovem exterioriza alguma coisa de seu caos interior a fim de vê-la mais claramente, ele reproduz em ato uma impossibilidade de dizer as coisas ou de transformá-las. Onde as palavras falham, o corpo fala, não para se perder, mas para encontrar marcas, restaurar uma fronteira coerente e propícia em relação ao mundo exterior. As palavras são, por vezes, muito impotentes frente à força dos significados ligados aos eventos, e a passagem pelo corpo se torna, então, a única opção. Esses comportamentos são tentativas de controlar um universo interior que ainda escapa e de elaborar uma relação menos confusa entre o eu e o outro em si mesmo. Formas paradoxais de comunicação, se eles não refletem um pensamento consciente e finalizado, tampouco representam uma atividade instantânea de pensamento. Perante os ataques da angústia e do sofrimento, é preciso sair de si, chocar-se ao mundo para cortar rente o afeto. (p.28)

Na pesquisa de mestrado de Jacqueline Nascimento Gonçalves, a autora estuda as práticas de automutilação em duas escolas de Ensino Fundamental, da rede pública da cidade de Uberlândia-MG. Observamos que, sua análise acerca da automutilação sugere observar questões sociológicas para além do ambiente escolar, são questões étnicas e raciais, diversidade de gênero, feminilidades, como também acontece na pesquisa de doutorado de Luna (2010):

Esta pesquisa busca compreender o fenômeno da automutilação, mediante os sentidos conferidos por um grupo de jovens mulheres que o praticam. Este fenômeno caracteriza-se por atos de violência infligidos por essas mulheres aos seus corpos. A escolha dos sujeitos da pesquisa relaciona-se ao fato de que a maioria dos praticantes ser composta por mulheres, entre 16 e 30 anos, oriundas das camadas médias da sociedade brasileira. (p.1)

A pesquisa de Dayse Luna (2010) nos traz uma relação entre gênero e a prática da automutilação, o que se confirma tanto em minha pesquisa de campo, quanto nas demais teorias estudadas para o desenvolvimento da pesquisa, a maioria dos praticantes da automutilação são do sexo feminino. Essa é uma característica interessante, apesar de não fazer objetivo direto desta pesquisa, porém se revela com uma característica recorrente, que poderá dar luz a outros estudos no futuro, sobre esta relação.

Essa característica pode nos ajudar a entender a forma como a mulher, jovem e estudante de Ensino Médio estabelece relação com seu próprio corpo e com sua saúde, nos levando a considerar a existência de uma espécie de silenciamento social atribuído às mulheres, uma situação característica da sociedade machista, patriarcal e misógina em que vivemos, na qual o corpo da mulher é objetificado, sua importância social é colocada em segundo plano em detrimento do homem.

À jovem que está se preparando para entrar no mundo dos adultos e já sofre consequências do machismo desde a infância, essas situações podem gerar traumas e conflitos internos de ordem emocional, para as quais a automutilação pode ter papel alentador, considerando a transformação de dores emocionais para dores físicas.

Na pesquisa de Nascimento (2020), ela também denota uma maior frequência da prática da automutilação entre mulheres, quando a pesquisadora afirma que “Nesta pesquisa foram entrevistados vinte jovens, sendo dezoito mulheres e dois homens”. Portanto, inferimos que mulheres são mais afetadas pelas práticas de automutilação, o que concorda e corrobora com as reflexões feitas acima.

Outra relação interessante de fazermos aqui é da consideração da nossa sociedade sobre as doenças com sintomas físicos e as doenças com sintomas emocionais, essa divisão pode ser feita se repararmos a forma como os dois tipos de problemas de saúde são tratados. As doenças com sintomas físicos nos parecem mais evidentes e compreensíveis, ao passo em que as doenças com sintomas emocionais suscitam maiores questionamentos e invalidações.

É inquestionável a incapacidade temporária de trabalhar, de um funcionário que pediu licença no trabalho, para tratamento de saúde, por estar com a perna engessada, devido a uma fratura no osso, bem como a sua necessidade futura de fazer acompanhamento fisioterapêutico, da mesma forma que não questionaria um colega fazer o mesmo pedido numa situação pós-cirúrgica, por exemplo.

Porém, a incapacidade temporária de trabalhar, de um funcionário que pediu licença no trabalho, para tratamento de saúde, por estar com depressão, por exemplo, torna-se um evento questionável para muitas pessoas, inclusive a sua necessidade de fazer acompanhamento psicoterapêutico e/ou medicamentoso. Por vezes sendo interpretada como preguiça, mentira, frescura ou mesmo por ser uma pessoa de pouca fé religiosa. Ainda há também um discurso sobre fraqueza mental, de alguém que não está preparado para a vida e para os possíveis traumas gerados pelos desafios cotidianos.

Essa consideração faz com que haja um negligenciamento maior das doenças com sintomas emocionais, dificultando a identificação de seus sintomas prévios e favorecendo um agravamento dos quadros de saúde, levando a pessoa acometida por essas doenças a enfrentar fortes crises e agravos que poderiam ser evitados caso houvesse tratamento mais assertivo e antecipado. No campo em que essa pesquisa é desenvolvida podemos reparar algumas posturas de desvalorização desses quadros de adoecimento por parte de professores e outros profissionais que trabalham na escola e convivem com os estudantes que praticam a Automutilação.

Essa postura questionadora frente às doenças com sintomas emocionais tem impacto negativo sobre a pessoa que está adoecida, gerando um processo inicial de negação da doença que torna o tratamento mais tardio, sendo um de seus primeiros procedimentos o de convencimento e aceitação da situação. O jovem nesse contexto, que busca aceitação e reconhecimento social, entende esse processo de forma mais confusa e mais complexa, considerando que se trata de alguém que ainda não tem uma experiência solidificada de cuidados com sua própria saúde.

Muitos relatos dos jovens a quem atendi na escola para falar sobre automutilação, falam acerca da necessidade de transposição da dor, transformando suas dores emocionais em lesões físicas, que lhes servem de válvula de escape, atitudes que estão relacionadas a essa lógica de tratamento subalterno das doenças com sintomas emocionais: “-Quando sinto vontade de chorar, eu me corto, aí alivia professor” (Rachel, 15 anos), “-Eu não conseguia parar de pensar no que meu pai me falou, então resolvi me cortar e esqueci um pouco” (Guilherme, 17 anos), “-Professor, quando minhas lágrimas secam, o sangue dos cortes é o que me alivia” (Antônia, 15 anos), “Pelo menos com os cortes, ninguém vai dizer que é frescura minha” (Hercília, 18 anos). Esclareço que os nomes dos interlocutores aqui citados são fictícios, por se tratarem de estudantes e menores de dezoito anos de idade, preferi preservar suas identidades reais.

Outro discurso em que podemos reparar uma tentativa de minimização do problema de saúde psicológica é o de que “-Isso é só pra chamar a atenção.” usado muitas vezes por professores ao se referirem às práticas de automutilação dos estudantes na escola observada. O ato de chamar a atenção é aqui interpretado mais como um capricho efêmero do adolescente, e menos como um pedido de socorro, que demanda acolhimento, atenção e tratamento.

Afinal cabe questionar para o que se está querendo chamar a atenção e porque se quer chamar a atenção para tal? A atitude desse jovem pode ser melhor entendida e mais possível de lidar caso adotemos essa postura curiosa e empática diante dos estudantes. Quando diminuimos suas investidas cometemos, mais uma vez, atitude que pode afastá-lo da escola e perdemos a oportunidade de ajudar aquele estudante e aproximá-lo da escola.

Um fator que dificulta estudos sobre a automutilação nesta escola é a falta de registro desses casos. Há todo um cuidado da escola com a exposição desse jovem, que merece proteção para que não vire alvo de bullying e sofra outros transtornos psicológicos futuros. É, portanto, um assunto sobre o qual se evitam os registros por ter alto risco de causar constrangimento e acaba não sendo discutido. Esse pacto de silêncio aparece como a forma mais consensual - dentre os profissionais da escola - de lidar com a situação.

A falta de registros sobre a automutilação na escola Cypriano (2017), nos faz pensar em extensões do problema que são difíceis de serem mensuradas, não temos dimensão sequer dos casos identificados e tratados pela gestão da escola, porém ainda existem praticantes que o fazem em segredo, ou contam apenas para seu confidente, gerando dificuldade até mesmo de identificar a prática em meio às heterogeneidades juvenis dentro da escola.

O campo de observação para essa pesquisa vai nos trazer um norteamento maior sobre o desenvolvimento dessa prática, bem como, ilustrar a forma como ela foi observada, por nos trazer o lugar e os elementos componentes desse lugar da automutilação mediante as observações realizadas. No próximo capítulo trataremos da automutilação situada no espaço específico em que foi observada.

Para, além disso, explicita o meu relacionamento com esse lugar e a possibilidades as quais estive exposto durante o período de observação e coleta de dados para a escrita desse texto, a pretensão aqui é deixar clara a trajetória de uma pesquisa na qual o pesquisador está em seu ambiente de trabalho, oferecendo indicativos de como as influências de uma rotina de trabalho impactam nos desdobramentos da pesquisa.

Quero ressaltar também que todos os interlocutores envolvidos sempre souberam que eu estava desenvolvendo uma pesquisa de mestrado, na qual o campo era a própria escola, isso funcionou como recurso metodológico, se considerarmos que as pessoas também criam expectativas e intencionalidades para os resultados da pesquisa.

Capítulo 2. MENINOS QUE SE CORTAM.

Falar sobre o campo, especificamente na situação desta pesquisa traz uma nostalgia e significa momento de muita emoção, afinal é falar também sobre a minha juventude e como o lugar pesquisado se relaciona diretamente com minha história pessoal. Não só por ser o lugar onde passei toda a minha juventude estudantil, mas também por ser a escola onde aprendi a ser professor de Sociologia.

Para além de uma descrição do lugar onde os relacionamentos da pesquisa acontecem, faço também aqui uma narrativa de como as situações de observação, foram acontecendo e me afetando. Coube também fazer uma reflexão sobre as perspectivas metodológicas dessa pesquisa foram moldadas pelo campo de pesquisa.

Então, a seguir temos uma problematização da metodologia da pesquisa utilizada aqui, com explicitação dos conceitos, que a embasam e orientam seguida de uma descrição do lugar do pesquisador no campo de pesquisa e os relacionamentos estabelecidos com o lugar e com as pessoas. Podemos observar também as performances do corpo realizadas por professores e estudantes no contexto dessa pesquisa, e o quanto o corpo se constitui um vetor importante de comunicação das práticas culturais.

2.1. A observação participante, a observação flutuante e o ser afetado.

Buscando entender a automutilação entre os jovens estudantes de Chaval e as posturas dos profissionais da escola diante disso, lançaremos mão dos processos de interlocução, utilizando técnicas de pesquisa baseadas na observação e na interação entre pesquisador e objeto de estudo, que é uma característica típica do método etnográfico, com uso da observação participante Haguette (2010), valorizando a convivência do pesquisador na rotina da escola.

O método ou técnica da observação participante tem sido visto por alguns como se originando na antropologia, a partir dos estudos e experiências de campo de Malinowski (DURHAM, 1978: 47) e, por outros, como tendo sido iniciado pela Escola Sociológica de Chicago, na década de vinte (DOUGLAS, 1973: 86). Este aspecto, aparentemente sem relevância, vai explicar o surgimento de importantes concorrentes dentro da sociologia nos Estados Unidos, que concorreram concomitantemente com os estudos antropológicos das primeiras décadas do século XX, especialmente na Inglaterra. Refiro-me ao interacionismo simbólico, à etnometodologia, ao dramaturgismo social, à teoria do rótulo, entre outras. (p.62)

O método da observação participante é um clássico das pesquisas antropológicas e nos sugere diferentes possibilidades de discussão acerca de suas características e de seu formato. Na obra *Street Corner Society* (W.F. Whyte, 2005) o autor elabora uma metodologia muito usada e referenciada em outros estudos posteriores sobre etnografia urbana, ao pesquisar gangs de um bairro de Boston ele convive direta e diariamente com gangsters, a quem ele chama de os “rapazes de esquina”, exercendo, inclusive, atividades sociais que faziam parte não só da rotina do bairro, mas também da estratégia organizacional das gangues, permitindo afetar-se por essas sociabilidades.

Na apresentação à edição brasileira, que foi intitulada por *Sociedade de Esquina*, o autor Gilberto Velho refere-se a ele como “o observador participante”, elogiando essa como “certamente um dos maiores livros de Ciências Sociais do século XX” (pág. 9). A situação de exposição na qual o autor ali se encontra me causa identificação, uma vez que, na situação de pesquisa, me encontro num contexto no qual estou inserido e exercendo outras atividades alheias à pesquisa, afinal se trata de meu ambiente de trabalho.

Com o tempo, as observações do campo me fizeram notar que não era possível a distinção entre as horas em que eu estava pesquisando, das horas em que eu estava trabalhando. Pois ao coordenador escolar interessava entender a automutilação numa perspectiva de problema no trabalho a ser combatido, e ao pesquisador interessava entender a automutilação para a produção desta pesquisa, porém a qualquer momento na escola, as situações poderiam acontecer.

Isso também me leva a adotar outra forma de observação do campo de pesquisa, chamado de método da *observação flutuante*, que segundo (Pétonnet, 1982):

A observação *flottante*, ao se deixar flutuar – ou, dito de outro modo, ao se mostrar desatenta ao conhecimento *apriorístico* –, se deixa conduzir pelo inesperado, pelo modo como as pessoas se apresentam num dado momento e determinado lugar da cidade – em um dado *endereço*, portanto –, cuja destinação de uso pode parecer insuspeitada. (p. 192)

A observação flutuante acontecia em minha realidade de pesquisa nos momentos em que não estava pensando na pesquisa, estava trabalhando, com a cabeça ocupada em outras atividades laborais na escola e acontecia algo que me fazia voltar à atenção com olhar de pesquisador, por ser de possível relevância para a pesquisa, num exercício mental de direcionar o foco para a atividade de observação e análise, que a princípio não era a intenção primeira. Essa foi a forma de observação mais exercitada durante o processo de observação do campo desta pesquisa.

Em comparação ao método da observação participante, a autora elabora uma crítica baseada na intencionalidade do pesquisador em campo, ressaltando que a participação do pesquisador em seu contexto de pesquisa tem caráter intencional e pode ser um processo causador de certo desconforto, ou, para usar a palavra da própria autora, um constrangimento para o pesquisador nesse seu investimento, como fica claro nesse trecho:

O método da observação participante, por muitos atribuído a Malinowski, mas efetivamente trazido à luz por Foote-Whyte, pressupõe um *partilhar algo*, um *fazer junto* ou um *fazer com* – em síntese, *participar* reserva para o observador algum tipo de constrangimento, na medida em que a ideia de *participar* revela um *modo* de fazer, um *sentido* para a ação, uma *direção* para o ato. Conseqüentemente, neste caso, devemos dar conta de uma submissão, ainda que sutil, a um tempo: ao tempo do outro, ao tempo de um fazer. Se observar pode ser um gesto solitário, participar exige um *savoir-faire* compartilhado. (p. 193)

A autora defende o método da observação flutuante, ressaltando seu caráter não intencional, deixando a qualquer tempo possível de ser exercitada, a partir de um acontecimento, ainda elenca sua situação não endereçada no sentido de poder acontecer inclusive em espaços diferentes do campo de pesquisa também. Essa perspectiva aproxima-se ainda mais da minha realidade de pesquisa uma vez que, algumas das sociabilidades da escola, relacionadas à automutilação tem ramificações em outros espaços da cidade de Chaval.

Assumimos aqui então a oportunidade de entender uma relação entre os diferentes espaços, numa relação de influência, tanto no sentido de acontecimentos advindos da convivência entre os estudantes na praça ou na rua, por exemplo, influenciarem nas relações estabelecidas dentro da escola, como também do movimento contrário, isso é o que justifica a minha escolha por apresentar também a cidade de Chaval como espaço secundário componente do campo desta pesquisa.

A observação flutuante, por sua vez, exige do observador um grau considerável de disponibilidade para, em um encontro fortuito, sem hora marcada, identificar o início de uma viagem. Uma viagem muito particular ao sentido que o outro dá àquilo que ali veio fazer. A observação flutuante, por princípio, termina onde começa a observação participante. Ela não tem endereço, ela não se destina, ela não conhece, nem partilha nada antecipadamente. É um tipo de observação “desendereçada” – mas não desinteressada – e, portanto, capaz de captar a expressão mais etérea do que é o *urbano*. (p. 193)

Eis, portanto, o método que melhor se adequou à prática metodológica dessa pesquisa, no tocante à presença do pesquisador no campo da pesquisa, entender a ideia da observação flutuante, nos ajuda a esclarecer a forma como a automutilação vai se desenhando como um fenômeno capaz de causar estranhamento ao ponto de configurar uma curiosidade analítica e dar luz a uma pesquisa de mestrado. Conhecer e estudar os diferentes métodos de pesquisa é fundamental para esclarecer a perspectiva metodológica que embasa e constrói a discussão teórica, aqui realizada, caracterizando este texto com o viés científico.

É necessário também considerarmos que a observação flutuante exige um deixar-se influenciar, estar afetado como descrito por Fravet-Saada (2005) denotando envolvimento, familiaridade e apego para que as afecções funcionem como via de mão dupla entre o pesquisador e o campo de pesquisa. Além do treinamento do olhar do pesquisador para entender aquilo que chama a sua atenção, se faz necessário estar aberto e deixar-se abalar pelos acontecimentos observados que são possíveis a qualquer tempo em campo.

A discussão de Jeanne Favret-Saada (2005) sobre “ser afetado”, também é muito interessante a esta pesquisa, pois ajuda a conceber a perspectiva metodológica, ela elenca a oportunidade de reconhecer a subjetividade do pesquisador em campo, não só na perspectiva de um interlocutor interessado e orientado pelos interesses da pesquisa, mas de alguém dotado de afetividades, que constrói relacionamentos e laços afetivos com as pessoas com quem convive no campo de pesquisa, assumindo um papel social naquele meio em que se insere e podendo carregar referências de identificação.

Com efeito, minha experiência de campo com o desenfeitiçamento, e, em seguida, minha experiência com a terapia analítica levaram-me a pôr em questão o tratamento paradoxal do afeto na antropologia: em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana. Quando o reconhecem, ou é para demonstrar que os afetos são o mero produto de uma construção cultural, e que não têm nenhuma consistência fora dessa construção, como manifesta uma abundante literatura anglo-saxã; ou é para votar o afeto ao desaparecimento, atribuindo-lhe como único destino possível o de passar para o registro da representação, como manifesta a etnologia francesa e também a psicanálise. Trabalho, ao contrário, com a hipótese de que a eficácia terapêutica, quando ela se dá, resulta de um certo trabalho realizado sobre o afeto não representado. (p.155)

Uma consideração muito presente no contexto dessa pesquisa é a de que meu relacionamento com os *meninos que se cortam* para além de uma relação com interesse de pesquisa, e uma relação característica do meu fazer profissional, é também uma relação de troca de afetividades, vivenciadas cotidianamente dentro da rotina de uma escola. Relação essa que emociona e como disse uma querida professora do mestrado “é possível me perceber com os olhos marejados” toda vez em que se fala nessas trocas com o lugar, mas principalmente com as pessoas desse lugar.

A escola onde estudei por toda a minha juventude, que se fez meu ambiente de trabalho depois, onde pude estar ajudando as pessoas a enfrentarem problemas de saúde mental é um lugar de produção de muitas afetividades, não podendo eu, há nenhum tempo estar livre da condição de ser afetado pelo campo da pesquisa.

Afinal além do trabalho, me tornei uma referência na escola quanto ao acolhimento de estudantes com problemas de saúde emocional e isso diz muito não apenas sobre o desenho de meu perfil profissional, mas também sobre a formação de meu caráter e a influência disso sobre minha visão de mundo e de escola, me refazendo tanto no sentido profissional, quanto no sentido pessoal.

Poder me assumir afetado é libertador e também é necessário para que se possa entender que antes de me chamar a atenção analítica, esses casos me chamaram a atenção do ponto de vista do envolvimento emocional, da escolha por responsabilizar-me pelo problema do outro, com o qual ele não sabe lidar e busca ajuda.

Abraços e lágrimas por diversas vezes se fizeram estratégias metodológicas complementares nesta pesquisa, quando nos pegamos em situações nas quais a emoção e a comoção, tomavam a atmosfera do espaço em que a interlocução estava sendo realizada, estabelecemos então um mecanismo de compartilhamento das afetividades, algo só possível de se realizar, quando nos permitimos afetados.

Ressalte-se que o processo de pesquisa foi surpreendido pela Pandemia de COVID 19, que instaurou o isolamento social, esvaziou as escolas e comprometeu as sociabilidades acontecidas lá, estabelecendo um hiato em nossas vidas pessoais. Isso exigiu repensar sobre a metodologia da observação adotada e deixou durante certo período de tempo uma situação de não saber o que fazer para mim enquanto pesquisador, que também me encontrei emocionalmente abalado e com saúde psicológica comprometida, demandando maior tempo para repensar e redesenhar o processo.

Travamentos em meio aos processos de escrita acadêmica são comuns nos relatos de pesquisadores sobre seus processos de construção dos textos, principalmente os de Trabalhos de Conclusão de Curso, mas a situação da Pandemia tornou esse travamento um evento também de angústia e adoecimento para a minha pessoa.

O mundo inteiro, na verdade, precisou parar para tentar compreender o que estava acontecendo. E eu também me encontrei nesse vazio, misturado a uma expectativa de tempo, de maturidade, de cobrança e de responsabilização talvez inadequados à fase de medo e de cuidados pela qual temos passado. Considere-se aqui que cada pessoa tem suas próprias formas de agir e se portar mediante todo o abalo que viemos sofrendo, isso está diretamente relacionado com nossas experiências de vida e visões de mundo.

O adoecimento não foi apenas respiratório e sanitário, ele gerou também traumas psicológicos, que favoreceram uma situação de nulidade e travamento no processo de construção deste texto, tanto na análise e coleta de dados de campo, quanto na realização de entrevistas, bem como na leitura e diálogo com as teorias que corroboram para a maturação da temática.

A Pandemia de COVID-19 foi caracterizada por uma incerteza de tempo em relação ao estabelecimento de seu controle, no início não fazíamos ideia de quanto tempo às estratégias de isolamento social seriam necessárias. Considerando que um programa de mestrado brasileiro acontece em um período de tempo relativamente curto estabeleceu-se então um processo de angústia mediante a possibilidade de não cumprir com esse tempo, de não ser possível dar conta dessa demanda e esse fator é fortemente impactante na elaboração das metodologias aqui explicitadas.

Porém temos um cenário onde as relações que contornam as práticas de automutilação acontecem e se desencadeiam, que é a Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, da cidade de Chaval, Ceará. Foi lá que as observações aconteceram e que o jogo entre o pesquisador e o coordenador escolar foi empreendido, significando um importante investimento pessoal de desenvolvimento, formação profissional e acadêmica. Aqui conheceremos um pouco mais sobre esse lugar e as pessoas que o fazem, além da relação deste lugar com o pesquisador.

2.2. Chaval, a Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha e eu.

A cidade de Chaval, localizada no Litoral Norte do estado do Ceará, posicionada a 503 km de Fortaleza, faz fronteira com o Estado do Piauí pela faixa litorânea. É uma típica cidade pequena do interior do Nordeste, com pouca oferta de trabalho, industrialização rudimentar e escassa, comércio com oferta restrita de bens de consumo, potencial turístico pouco explorado e ausência de serviços mais especializados.

Chaval é um município brasileiro do estado do Ceará. Sua população estimada em 2016 era de 12.931 habitantes, tem apenas um distrito, Passagem de Vaz, está localizado a 22km da sede. Chaval fica localizado no extremo norte do Ceará e se limita com o Piauí, separado pelo Rio Ubatuba.

Boa parte do manguezal que contorna a cidade é Área de Proteção Ambiental - APA³ o que ocasiona presença constante de técnicos do IBAMA⁴ na manutenção e vigilância da pesca, que é uma das atividades econômicas mais fortes da cidade, somado a agricultura de subsistência e ao funcionalismo público. Tendo o serviço público, oferecido pela Prefeitura Municipal como principal fonte de empregos, o que propicia relações políticas com empréstimos de coronelismo e corrupção, dentre outros aspectos.

As expectativas dos jovens estudantes do Ensino Médio de Chaval são maiores em relação à entrada na universidade e menores em relação à entrada e ao sucesso no mundo do trabalho, uma vez que a cidade é vizinha à Parnaíba, no Piauí, que é uma cidade com presença de vários e diferentes campi universitários e muitos chavalenses estudam nessas universidades.

É uma cidade com poucas opções de lazer para a juventude sendo as opções de lazer mais usadas pelos estudantes do Ensino Médio na cidade o passeio em praças públicas a ida a festas dançantes em clubes e bares, o passeio por rios nos arredores da cidade e os eventos públicos, outras opções de lazer também usadas por essa juventude são Circos e Parques itinerantes que se instalam na cidade por um período de aproximadamente um mês, uma vez a cada ano.

Uma vez por ano também acontecem os festejos da Igreja Católica, que cultuam a santa chamada de Nossa Senhora de Lourdes e trazem um movimento comercial bem mais aquecido para a cidade no período compreendido entre os dias 17 e 27 de novembro de cada ano. Nos festejos de novembro, a cidade é tomada por barracas de feirantes com as mais variadas ofertas de produtos tais como roupas, brinquedos, artigos eletrônicos e produtos alimentícios.

O momento mais esperado dos Festejos de Lourdes é a festa do dia 26 de novembro, um grande evento de forró que lota os bares e clubes da cidade, promovido em alguns anos pela Prefeitura Municipal e em outros anos pela iniciativa privada, reunindo jovens de Chaval e das cidades circunvizinhas. Sendo um momento de grande aglomeração e de transações comerciais promissoras ao empreendedorismo local, esta é a maior festa realizada na cidade.

³ APA é a sigla que designa o nome de uma categoria de Unidade de Conservação federal – a Área de Proteção Ambiental. Essas áreas pertencem ao grupo de UCs de uso sustentável, em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, com atributos bióticos, abióticos, estéticos ou culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/889-diferenca-entre-apa-e-app-nao-e-clara-para-todos-diz-artigo> acessado em 20/10/2019, às 10hs.

⁴ IBAMA - Instituto Brasileiro do meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

A economia da cidade é baseada na pesca e no extrativismo de frutos do mar, haja vista que, a cidade é uma ilha circundada pelo delta formado por manguezais que limitam a cidade em todas as suas extremidades, a pesca e a produção de sal são as principais fontes de emprego e renda aos jovens de Chaval, além da crescente e atual abertura de fazendas de camarão. O caranguejo é outro produto de exportação gerador de renda para muitas famílias chavalenses, sendo também um ingrediente presente na culinária de praticamente todas as famílias.

Apesar de a cidade ter forte potencial, o turismo é pouco explorado, contando a cidade com poucos empreendimentos e geração de empregos muito escassa nesta área, fazendo da indústria em prol da estratificação de frutos marítimos a principal fonte de geração de empregos e renda para Chaval. Muitos moradores, em suas conversas cotidianas, reconhecem o potencial turístico da cidade e lamentam o baixo investimento, afirmando que esse poderia ser um empreendimento promissor e gerador de mais empregos para a juventude egressa da escola.

Na zona rural existe forte presença também de atividade agrícola, que produz principalmente milho, feijão e carnaúba para as regiões circunvizinhas. Essas oportunidades de trabalho se dão por temporadas ao longo do ano, sendo comum ao jovem da zona rural de Chaval participar dessas múltiplas atividades de produção e extrativismo agrícola.

Há também uma frequência muito intensa do êxodo rural, principalmente de homens adultos e chefes de família, gerando ao jovem estudante do Ensino Médio a responsabilidade de gerar complemento de renda familiar, a partir de sua inclusão nesse ciclo de produção e extrativismo agrícola sazonal.

Localizada na pequena Chaval, no litoral Norte do Estado do Ceará, a Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha é a única escola de Ensino Médio deste município. Pertence à rede pública de educação, mantida pelo Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Educação, reúne um alunado muito heterogêneo de 574 estudantes regularmente matriculados⁵, estes possuem padrões de vida e realidades sociais diversas, considerando que quase todos os jovens da cidade, em idade escolar de Ensino Médio (de 14 a 18 anos de idade) estudam lá, misturando diferentes condicionamentos de vida.

⁵

Dados coletados no Sistema Integrado de Gestão Escolar, SIGE em 29 de abril de 2020.

É um espaço constantemente frequentado pelos seus estudantes e outros integrantes da comunidade local, inclusive em ocasiões diferentes das situações de aula, configurando-se, portanto, como um importante aparelho público de sociabilidade juvenil para a cidade de Chaval. Não só por trabalhar com a construção de saberes escolares, mas também por ter forte relacionamento com a população da cidade. Em seus eventos abertos a toda a comunidade como Campeonato Esportivo, Feira de Ciências, Gincana Estudantil, Feiras Culturais que costumam acontecer bimestralmente, são frequentados pela comunidade local de forma massiva, chegando a reunir grande concentração de pessoas da cidade em seu público.

A Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, localiza-se no centro da cidade e acolhe jovens de todos os bairros e das localidades da zona rural. É um espaço tradicional e muito importante, pois sua história se confunde com a história da cidade. Significando um aparelho público de relevante colocação social, espaço respeitado sobre o qual é comum os munícipes referirem-se de forma saudosista, grata e íntima afinal a grande maioria da população adulta da cidade estudou lá, portanto a escola diz também sobre as pessoas que hoje eles são, bem como de suas juventudes.

O prédio da escola fica próximo à Igreja matriz, da religião católica, em torno da qual a cidade se formou, tendo também em seu entorno a agência dos Correios, o Fórum Municipal e a Prefeitura Municipal de Chaval, que são outros importantes aparelhos da administração pública da cidade. É um local de fácil acesso, rodeado de residências e ligado às principais praças usadas para os eventos públicos do município.

A escola foi fundada em 1952 por Decreto do Governo do Estado do Ceará sendo-lhe atribuído este nome em homenagem ao sobrinho do Padre Antônio Carneiro fundador da cidade, que conheceu o lugar a partir de expedições da Igreja católica vindas da cidade de Viçosa do Ceará, na Serra da Ibiapaba cearense. Seu sobrinho, monsenhor José Carneiro da Cunha foi o primeiro pároco da cidade de Chaval, figura fortemente atuante na fundação e no desenvolvimento da cidade. Sendo também atuante na política da cidade com apoio declarado e trabalho eleitoreiro prestado aos Coronéis que assumiram os primeiros cargos públicos dos poderes Legislativo e Executivo de Chaval.

A Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha é hoje uma escola de médio porte, de acordo com a classificação da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Ceará. Além das salas de aula convencionais, dispõe de outros ambientes de aprendizagem, tais como Laboratório de Informática, Biblioteca, Laboratório de Ciências da Natureza, quadra poliesportiva e Sala de projeção de vídeos. Além disso, ainda tem salas para o desenvolvimento das funções administrativas como secretaria, assessoria financeira, direção, coordenação e sala de professores, contando também com cantina, refeitório e depósitos.

No pátio central, onde muitos estudantes se reúnem no intervalo, tem um palco, no qual acontecem apresentações de trabalhos, sendo algumas dessas apresentações de atividades artísticas. No entorno da quadra poliesportiva existe uma extensa área com árvores, nas quais, como tarefa da Gincana do Dia do Estudante do ano de 2019, os estudantes construíram jardins e espaços de convivência e que os próprios costumam usar, aglomerando-se ali em grupos menores, para relações mais intimistas como conversas em pequenos grupos e namoros dentro de um padrão de comportamento acatado pela gestão da escola.

Esse é um lugar de muita familiaridade e apego emocional para mim, uma vez que estudei nesta escola durante toda a minha juventude, voltando alguns anos depois como professor efetivo, depois Coordenador Escolar. Além disso, minha mãe também foi professora desta escola durante trinta e dois anos, fazendo parte de sua consolidação e desenvolvimento, ela também foi diretora da escola, o que coincidiu com a época em que entrei lá, para cursar o Ensino Fundamental II, daí quando passei para o Ensino Médio, minha mãe aposentou-se.

Estudei nesta escola entre os 10 e os 17 anos de idade, portanto, minha juventude foi construída naquele espaço, com o qual me relacionei muito intensamente. Ao longo do Ensino Médio atuei no movimento estudantil, fazendo parte durante o ano de 1999, da gestão do Conselho Escolar, como representante dos estudantes, eleito pelos meus colegas, o que me possibilitou uma experiência muito significativa na organização das eleições para Diretor Escolar, como Vice-presidente da comissão eleitoral, sendo atribuída a mim além de grande responsabilidade, também certa visibilidade e prestígio social na escola, com certeza essa experiência foi decisiva na construção de mim enquanto pessoa e futuramente enquanto profissional.

No ano seguinte fui eleito presidente do Grêmio Estudantil, permanecendo no cargo por dois anos consecutivos, período paralelo ao meu desenvolvimento enquanto jovem, permeado por um turbilhão de mudanças características dessa fase da vida. A presidência do Grêmio Estudantil trouxe experiências valiosas no exercício do Protagonismo Juvenil, que era um termo muito usado na época, pois aqui estamos falando de um tempo em que as escolas promoviam discursos e estratégias de democratização da Gestão Escolar, tais como a nomeação dos diretores a partir de um processo eleitoral, por exemplo.

O Protagonismo Juvenil foi também uma importante ferramenta para o empreendimento desses discursos e dessa estratégia, como nos diz Ferrete (2004):

Embora o conceito de participação de jovens (e dos pais) na vida da escola não seja novo, na década de 90 foram emitidos diferentes documentos oficiais tanto em nível federal, quanto nos estados que explicitaram e valorizaram essa participação, argumentando que é por meio dela que cada unidade escolar democratiza sua gestão e cumpre efetivamente sua função, tornando-se um espaço pedagógico atraente e desafiador para os jovens, de modo a favorecer seu progresso intelectual, social e afetivo, e, ainda, um espaço democrático, confiável e culturalmente rico para pais e para a comunidade, com vistas a um intercâmbio fecundo entre a escola e o seu entorno. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio — DCNEM — constituem o meio legal mais importante para a difusão do protagonismo juvenil no ensino médio. (p.02)

Ao início dos anos 2000, as experiências com o protagonismo Juvenil, eram exercitadas por mim na escola em situações como a promoção de eventos de arte e esportes, na representatividade dos estudantes em reuniões com a Gestão da Escola para tomadas de decisão, na popularidade proporcionada pelo cargo no Grêmio Estudantil, que exigia constante processo de escuta junto aos colegas de escola, preocupava-me em entender o que eles esperavam de mim enquanto líder estudantil. Aqui exercitei intensamente os significados de responsabilidade social e de protagonismo juvenil.

Nesse período o Instituto de Juventude Contemporânea – IJC, uma ONG de Fortaleza, Ceará, que trabalha com formação de lideranças juvenis, organizou o evento chamado “Tendas da Juventude”, reunindo mais de 500 jovens representantes de Grêmios Estudantis e outros Movimentos Sociais de todo o estado do Ceará, do qual participei com muito entusiasmo, representando minha escola e outras escolas da região em que morava.

Durante o evento “Tendas da Juventude”, foi realizada uma seleção de 50 jovens para outro empreendimento da ONG, o Curso de Lideranças Juvenis – CLJ para o qual fui um dos jovens selecionados e que se realizou ao longo do ano de 2002. O CLJ do IJC me levava uma vez ao mês para Fortaleza, na sede do IJC para, durante um fim de semana, receber formação e trocar experiências com os demais jovens participantes do curso, lá conhecíamos personalidades influentes da política cearense e dos diversos Movimentos Sociais do estado. Participamos de palestras, rodas de conversa, oficinas de fruição artística, orientações sobre saúde do jovem, além de receber intensa formação sobre Políticas Públicas, terceiro setor e movimentos sociais.

Essa oportunidade proporcionada pela escola me trouxe uma base de formação o que era notada em minhas falas e ideias para os empreendimentos do grêmio estudantil na escola, nesse período a escola estava experimentando a inclusão da disciplina de Sociologia nas 2^{os} e 3^{os} séries, desde o 1^o ano já tínhamos aulas de Filosofia, mas foi a partir das aulas de Sociologia que pude entender que essa era a área que encaixa diretamente com o que eu queria trabalhar, quando me imaginava atuando profissionalmente, concordava diretamente com a visão de mundo que estava sendo construída a partir das leituras e das aulas de Sociologia.

No final do ano de 2003, ainda no terceiro ano do Ensino Médio, minha mãe me trouxe impresso o edital do vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA, localizada na cidade de Sobral, Ceará, e me fez ler o documento e pensar sobre a faculdade que eu desejava cursar. Ao ver o nome do curso Ciências Sociais, não tive dúvidas, era aquilo que eu queria estudar, inspirado pelas aprendizagens construídas no contexto das aulas de Sociologia, ao longo do 3^o ano do Ensino Médio.

Prestei vestibular, fui aprovado e em fevereiro de 2004 ingressei na graduação em Ciências Sociais da UEVA, o que me trouxe para morar na cidade de Sobral, entre os anos de 2004 e 2009. O currículo do curso à época permitia que os universitários tivessem uma formação inicial comum entre licenciatura e bacharelado, só exigindo uma decisão entre uma das duas modalidades nos semestres finais, quando optei pela licenciatura vislumbrando uma facilidade maior para a minha inserção no mundo do trabalho à época.

Ainda no último período do curso de Licenciatura em Ciências Sociais fui aprovado na primeira etapa do concurso público para professor na Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, o certame foi longo e demorado, só me dando posse em outubro de 2010. Nesse meio de tempo estive trabalhando em Parnaíba, no Piauí, uma cidade vizinha à cidade de Chaval para a qual eu tinha voltado a morar após a conclusão da licenciatura, em 2009, atuava como professor substituto na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, no campus de Parnaíba-PI, e essa foi de fato minha primeira experiência profissional com o ensino de Sociologia.

Então em outubro de 2010 estava encantado com a ideia de retornar para minha querida escola, agora como professor de Sociologia, sequer considerei a possibilidade de assumir este concurso público em outro lugar, poderia ter escolhido qualquer outra escola do Ceará, porém, sentia que era aquele o meu espaço e o meu lugar. Ao entrar na escola tive a oportunidade de trabalhar junto com ex-professores, agora colegas de profissão e me via envolvido numa nostalgia que me deixava feliz e confortável, o sentimento era o de eu que devia trabalhar para causar melhorias naquele, que era o meu lugar.

Essa experiência de trabalho me trouxe muitas experiências práticas que ajudaram a consolidar o conhecimento sociológico construído na universidade, não só na gestão de sala de aula com o ensino de Sociologia, mas também como Gestor Escolar, inclusive foi esse lugar de gestor escolar que aproximou da juventude da escola e possibilitou a observação de suas práticas para além da sala de aula.

Na sessão que se segue entenderemos como a automutilação me foi trazida e a forma como ela se tornou um desafio profissional, que resultou no empreendimento de pesquisa da qual esse texto trata, além dessa narrativa também poderemos inferir que existe muito de corpo na saúde emocional, com especialidade na automutilação.

2.3. Performances corporais no contexto do PPDT: as lamúrias e o ato de matar aulas.

Eis que em 2012 participei de um processo seletivo que me levou a assumir o cargo de Coordenador Escolar, tendo então uma nova experiência, sinônimo de engrandecimento profissional e conquista pessoal. De acordo com o seu Regimento Interno, a Coordenação Escolar da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, era estrategicamente dividida em cinco eixos, sendo eles: Ação Curricular, Integração Curricular, Projetos pedagógicos, Gestão Financeira e de Recursos Humanos, e Protagonismo Juvenil.

Esses eixos eram divididos entre mim e a outra coordenadora escolar, a Professora Francilene Melo, porém uma divisão não muito demarcada, uma vez que diante do fluxo escolar precisávamos estar articulados um sobre o trabalho do outro. Associa-se a isso também o fato de os coordenadores escolares terem de fazer constantes viagens, para reuniões e formações na sede da Coordenação Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 4, que fica no município de Camocim, Ceará, ou mesmo para a sede da SEDUC, na capital do estado, a cidade de Fortaleza.

Cuidava eu então dos projetos da escola, tais como “ENEM: chego junto, chego bem”, “Jogos Escolares da Juventude”, as Gincanas Artísticas e Esportivas, Feira de Ciências, Programa Nacional de Alimentação Escolar, Programa Dinheiro Direto na Escola, Programa Nacional do Livro Didático dentre outros.

A SEDUC-CE estava empreendendo novas metodologias para o Ensino Médio e havia trazido para a escola, em 2011, um projeto inovador chamado Projeto Professor Diretor de Turma, que destina a cada uma das turmas da escola um professor para fazer a gestão dessa turma, entendendo as questões que contornam a aprendizagem dos estudantes, principalmente àqueles com maiores dificuldades de aprendizagem e/ou que apresentam baixa frequência escolar. De acordo com o que descreve o site da SEDUC:

Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes.

A lotação do Professor Diretor de Turma, no contexto do projeto, era de 4 horas/aulas, que são divididas da seguinte forma: 1h/a para atendimento aos estudantes; 1h/a para atendimento aos responsáveis pelos estudantes; 1h/a para organização da documentação da turma e 1h/a para ministrar a disciplina “Formação para a cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais”.

Além de promoveram ao fim de cada bimestre letivo um Conselho de Turma com participação de representantes de todos os segmentos da turma para fazerem uma avaliação geral daquela turma, durante aquele período letivo específico. Nesses conselhos de turma são feitas diferentes considerações acerca dos estudantes que permitem aos demais professores da turma contribuir para o trabalho do PDT e estabelecerem acordos no sentido do melhoramento do rendimento escolar e da aprendizagem dos estudantes da turma.

O Projeto Professor Diretor de Turma demandava uma visão holística sobre a aprendizagem dos estudantes, permeado por um discurso de equilíbrio entre razão e emoção, fazendo reparar também, nas questões sociais que envolvem os estudantes e impactam em suas aprendizagens. Muito se falava no perfil do professor para ser Diretor de Turma, que deveria ser dotado de sensibilidade, abertura e empatia junto aos estudantes, afinal dentre as ações do PPDT existiam momentos de acolhimento, de conversa e de aconselhamento individuais aos estudantes, além de um contato mais próximo com a família e o cotidiano do estudante na escola e fora dela.

Era comum, os Professores Diretores de Turmas trazerem relatos de seus alunos sobre problemas graves vivenciados dentro de suas casas, tais como, dependência química, fome, dificuldades financeiras, gravidez precoce, abuso e exploração sexual, violência doméstica, que comprometem não só a trajetória estudantil, mas também a saúde dos estudantes.

O PDT se tornava um adulto muito confiável ao estudante e os processos de escuta individual intensificaram-se, por vezes esses professores, recorriam à Coordenação Escolar para pedir orientação sobre de que forma proceder perante as demandas trazidas pelos estudantes que, por muitas vezes ultrapassaram o trabalho docente na escola.

Muitas dessas questões que inquietam aos professores, eram relacionadas à saúde dos estudantes, nesses processos de escuta, se reparava comumente a presença do choro como sinal de que havia um desabafo e do abraço como sinal de que havia um acolhimento. As duas atitudes, o choro e abraço fazem parte de uma performance corporal que o autor francês David Le Breton (2019) analisa como socialmente estabelecidas, ao elaborar sua *Antropologia das Emoções*, ele as reconhece como não espontâneas, mas ritualmente organizadas, aprendidas e reproduzidas pelas pessoas que compartilham de uma determinada cultura.

Atitudes como o choro e o abraço cumprem com uma expectativa social, em relação a uma performance corporal previamente estabelecida e ensinada pela cultura como as reações adequadas, a determinados tipos de sociabilidades. Apesar de essas atitudes nos parecerem inatas e surgidas naturalmente, porém elas nos revelam uma forma de sociabilidade entre as pessoas que as praticam. As conversas dos PDT 's com seus estudantes não eram escutadas pelos demais professores, mas o seu teor era facilmente identificado pelo repertório de uso do corpo empreendido pelos sujeitos dessas conversas.

Os professores estavam normalmente sentados com um de seus alunos no canto de uma mesa grande da sala dos professores, do qual os demais evitavam aproximar-se, conversavam baixinho, os estudantes pareciam falar muito ao PDT que estava na maioria das vezes olhando no olho de seu estudante enquanto o escuta. Numa postura acolhedora, complacente e acalentadora, na qual os estudantes demonstravam ficar mais à vontade para falar de si.

Ao sentirem que a situação era mais desafiadora para elaborar um empreendimento resolutivo e assertivo, os professores pedem ajuda à Coordenação Escolar, esse movimento passou a ser intenso em minha rotina profissional e a questão da automutilação, presente em muitos dos relatos trazidos, muito me inquietava e me afetava, tanto pela sensação de não saber como agir, quanto pela sensação de que algo precisava ser feito. A evidência dos cortes, do sangramento e da vulnerabilidade dos estudantes, provocada pelo seu agravamento da prática da automutilação me provocava esse paradoxo.

O prédio da escola é todo monitorado por câmeras de segurança, porém na calçada lateral do Laboratório de Informática, que se localiza em frente aos banheiros masculino e feminino dos alunos, e tem uma árvore que dá uma extensa sombra, é um ponto cego às câmeras. Ali é comum encontrar em diferentes oportunidades jovens sozinhos com semblante nostálgico, tristes, chorando, sentados com o rosto apoiado nos joelhos que eles abraçavam e fisicamente se fechavam.

Quando eu os notava ali, ou quando algum funcionário da escola me avisava que tinha estudante lá matando aula, costumava ir até eles, ao aproximar-me desses jovens, a partir daí travava uma conversa generosa na qual ouvia relatos de problemas emocionais, relacionados a namoros, conflitos familiares e outros problemas de suas vidas.

Alguns desses jovens se mostravam mais eufóricos em seu jeito de falar proferindo gritos e xingamentos em meio ao choro, no entanto a maioria se mostrava mais depressiva, fechada falavam pouco e baixo. Essa primeiro jeito de expressar exigia dos professores uma postura voltada para o controle emocional do estudante e o restabelecimento de sua postura, já a segunda exigia o professor mais sensível, fazendo perguntas suaves e abertas aos estudantes, como que numa conquista em que está ali disposto a ouvir, essa configura-se como a atitude mais importante a ser empreendida.

Esse cantinho foi nomeado como *as calçadas das lamúrias* pelos professores que de dentro da sala dos professores acompanhava aonde os jovens iam para matar aulas escondidos das câmeras, mas essa ida também pode ser entendida como um ato simbólico não verbalizado de pedido de ajuda, a partir da ocupação de um espaço específico e de uma postura corporal convencionalmente entendida como característica de quem está sofrendo.

O termo lamúria de acordo com o dicionário Google⁶ quer dizer “lamentação interminável que importuna e que a nada leva, queixume, queixa”; ou ainda “ato de falar de modo triste, lamento”, e era usado pelos professores para referir a essa postura dos estudantes que comunicava tristeza, insatisfação, impaciência ou ainda falta de interesse pela escola e pelos estudos.

O uso dessa palavra denotava uma visão pejorativa dos professores aos seus estudantes, que me deixavam confuso ao observar as suas posturas, afinal, por vezes o mesmo professor que dias antes estava em situação de acolhimento no contexto do PDT, abraçando, enxugando as lágrimas e aconselhando, hoje fazia chacota das *lamúrias* ao observar seus estudantes de dentro da sala dos professores.

É curioso observar essa variação na postura docente, pois ela nos revela a Sala dos Professores como um ambiente de proteção e de discipulação, na qual o professor se sente à vontade, gozando de maior liberdade e podendo manifestar uma posição de discordância com as “lamúrias” dos estudantes. Trocando opiniões, fazendo chacota, lamentando a situação, criticando a gestão por não tomar atitudes mais disciplinadoras, tal postura nunca era assumida na frente dos estudantes, aos quais se mostravam de maneira geral atenciosos, generosos e proativos, quando não tomando atitude, encaminhando para quem a pudesse tomar, sempre numa postura de muita atenção e responsabilidade.

Funciona como uma estratégia de autopreservação, uma forma de não cair também em sofrimento, de lançar uma crítica à comoção, afinal os estudantes estão matando aula para lamuriar e isso discorda da postura ideal para que eles cumpram com o objetivo da aula e do ambiente escolar. Ao mesmo tempo em que o estudante precisa de assistência e cuidado dos professores precisam manter seu foco nas aulas e na produtividade da escola, uma situação paradoxal, mas que torna possível a equalização dessas diferentes demandas estudantis.

A *calçada das lamúrias* dividia opiniões acerca da tolerância da escola em relação à permanência desses jovens naquele espaço, normalmente era um jovem triste e choroso, como descrito acima, acompanhado por um ou mais colegas tentando aconselhá-lo e restabelecer seu estado emocional, resgatando-o do estado de tristeza e angústia, além de amenizar o choro. Essa tentativa denota a existência de estudantes empáticos, compreensivos e preocupados com o estado emocional de seus colegas, que se empenhavam na melhoria desse estado.

⁶<https://www.google.com/search?q=significado+de+lamuria&oq=significado+de+lamuria&aqs=chrome..69i57j0l2j0i22i30l3j0i10i22i30j0i22i30.6070j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>, acessado em 27/07/2021 às 11hs40min.

Nessas oportunidades eram empreendidos palavras de empatia e gentileza, além de abraços e carícias, que faziam os estudantes ficarem mais calmos e falarem sobre as razões pelas quais estava angustiado e em sofrimento. Estar estabilizado significava ter o choro controlado, a respiração regularizada, amenização de sintomas como tremores no corpo ou mesmo paralisia de movimentos, havia um empenho dos amigos em garantir essa estabilização.

Porém, a aglomeração de estudantes fora de sala de aula, enquanto a aula está acontecendo é algo a princípio intolerável pela escola, afinal para cumprir o objetivo da escola, de causar aprendizagem é imprescindível que os estudantes permaneçam atentos e dentro da sala de aula. Portanto, a situação causava incômodo em alguns professores e estudantes, que por muitas vezes acionaram a gestão da escola, para que atitudes fossem tomadas no sentido de reconduzir os estudantes à sala de aula, ou atendê-los de maneira que a aglomeração fosse desfeita e a disciplina restabelecida, uma vez que a aglomeração também poderia servir de mau exemplo aos demais alunos e provocar outras fugas à aula.

Na linguagem popularmente exercida na escola o ato de permanecer fora de sala de aula enquanto a aula acontece é chamado de *matar aula*, que de acordo com o site dicionário informal, quer dizer “[Expressão] Ir para escola e desviar o caminho para enganar seus pais.”⁷. Esse é um recurso recorrente em muitas escolas quando estudantes não conseguem permanecer em sala de aula, por diversas razões, tais como problemas repentinos de saúde, preguiça, falta de empatia ao professor, ou ainda, medo de represálias.

Essa área externa a sala de aula, nas situações observadas no campo de pesquisa não é reconhecida como espaço de aprendizagem, mesmo sendo espaço escolar, portanto, a aula está sendo morta quando estudantes se põem fora de sala e não a assistem. Esse não reconhecimento da área externa a sala de aula, como espaço de aprendizagem, faz o espaço também ser enxergado como indigno dedicado a quem se nega a aprender, o que fica claro também, quando professores expulsam estudantes da sala de aula, quando eles estão atrapalhando a ordem e a disciplina na aula, ou mesmo quando não cumprem outras expectativas dos professores.

Estar fora de sala de aula então vai ser enxergado nesse contexto como uma negação à aprendizagem, a área externa à sala de aula não deve, portanto, ser espaço de permanência dos estudantes, uma vez que lá não se reconhece e ou identifica aprendizagens advindas de um trabalho docente.

⁷ Conferir em <https://www.dicionarioinformal.com.br/matar+aula/> acessado em 01/03/2021, às 20hs21min.

Pude observar também que esse recurso era por vezes usado por alguns professores na escola, também em casos dos *meninos que se cortam*, aqui a saída de sala de aula era, na maioria das vezes, voluntária, uma vez que o estudantes não conseguia prestar atenção e concentrar-se na aula. Acontecia também com alguns professores ao observarem estudantes tristes, chorosos e sem atenção à aula, encaminhá-los para a área externa da sala de aula e chamar o PDT ou à Coordenação Escolar para ajudá-lo a estabilizar seu estado emocional, voltando depois numa postura mais adequada ao contexto de uma aula convencional.

Minhas conversas com os *meninos que se cortam na calçada das lamúrias* eram normalmente compostas por choros e abraços, realizando um momento de escuta e aconselhamento, no qual conseguia entender muitas situações vividas por esses estudantes que lhes abalavam a saúde psicológica e comprometia o bom rendimento escolar.

Um segundo espaço eleito pelos estudantes para matar aulas eram os banheiros dos alunos e o das alunas, lá a funcionária da limpeza encontrava, por vezes, pequenas poças de sangue, até que um dia resolveram me alertar para aquilo, dizendo: “-*Isso daí é coisa dos meninos que se cortam Professor Ruy*”, foi a primeira vez que me deparei com a prática da automutilação dentro da escola, até então nunca havia parado pra pensar na possibilidade de eles praticarem automutilação dentro da escola, situação essa que me inquietou bastante e me fez parar para refletir sobre como esses meninos e meninas usavam o espaço da escola.

Comecei a dar mais atenção a esse fato e tentar entender quais as iniciativas a serem tomadas mediante esses casos e os canais de apoio que a escola poderia estabelecer na tentativa de ajudar esses jovens a pararem de se machucar. Por outro lado começava uma reflexão sobre os porquês de cortar o próprio corpo, as motivações para abrirem ferimentos nos pulsos, que é a parte do corpo onde a automutilação acontecia com mais frequência.

De alguma forma a questão me tocava muito e me envolvia, por diversas vezes me pegava pensando nisso com curiosidade, movido pelo senso de que algo precisava ser feito, passei a refletir muito mais sobre esses atos com os quais tinha que lidar na rotina de trabalho como coordenador escolar.

Nas observações feitas pude perceber também que o problema da automutilação não fazia parte da rotina apenas dos professores e da Coordenação Escolar, pois existe um papel muito importante sendo realizado pelas Auxiliares de Serviços Gerais da escola, são três mulheres, uma zeladora e duas cozinheiras, as duas cozinheiras são irmãs e a zeladora amiga muito próxima das suas colegas, o que proporciona entre elas um laço de familiaridade com um clima agradável, fazendo da cantina também um espaço acolhedor da escola.

São também mães de alunos ou ex-alunos da escola, elas trabalham em sistema de revezamento de horários para conseguirem dar conta do serviço demandado pela escola nos seus três turnos de funcionamento, porém havia horários de maior demanda, como o intervalo da manhã, por exemplo, em que as três estavam juntas.

Essas mulheres demonstravam abertura e sensibilidade às questões dos jovens, por muitas oportunidades, realizavam processos de escuta e de aconselhamento aos estudantes também, o que revela a cantina da escola, como mais um espaço eleito pelos estudantes, para *matar aula e lamuriar* sobre as questões que lhes afligem.

As auxiliares de serviços gerais, são pessoas adultas da escola que os estudantes também escolheram para que lhes escutem e aconselhem, assim como os PDT's e os coordenadores escolares, esclarecendo que essa eleição do adulto confiante feita pelo estudante, não privilegia professores e também que o perfil de acolhimento não é algo próprio do exercício da docência apesar de serem favorecidos pela dinâmica do PPDT, os estudantes conseguem encontrar alternativas a partir da observação que fazem dos profissionais da escola.

Essas trabalhadoras da escola tinham uma visão privilegiada a partir de duas frentes: primeiro a de que seu trabalho ao longo do expediente escolar se realiza na área externa à sala de aula, tendo, portanto mais possibilidade de dar atenção às atitudes de *matar aula*; segundo que por conta disso tinham acesso a espaço de maior intimidade como a *calçada das lamúrias* e os banheiros, sendo elas as pessoas que me traziam com maior frequência os indícios de estudantes praticando a automutilação dentro da escola ou demonstrando com o corpo os sinais de pedido de ajuda.

Os estudantes em sua maioria as chamam de *tias* e as tratam com carinho, empatia e senso de respeito, o que fica claro em muitas atitudes, como, por exemplo, quando chamam a atenção dos colegas para a manutenção da limpeza e da organização da sala de aula ao final da aula, reconhecendo que considerando as dimensões do prédio da escola, é muito serviço para poucas funcionárias.

As tias são pessoas acolhedoras, responsáveis e empáticas aos atores da escola com as quais eu tinha uma relação amistosa e bem próxima. Para o desenvolvimento de meu trabalho como coordenador escolar, elas foram peças fundamentais, pois me traziam situações advindas de observações feitas por lugares somente acessados por elas dentro da rotina escolar, além disso, também por mostrarem que a atenção e o acolhimento ao estudante é uma prática exercitada por toda a escola, deixando claro que essas inovações fizeram o olhar dos professores mais atentos à saúde dos estudantes era possível ser compartilhado por todos na escola.

Frente aos *meninos que se cortam* nos portamos como aliados, na disponibilidade para acolher e escutar, assim como faziam os Diretores de Turma, também filtravam alguns casos que na avaliação deles deveriam encaminhar para a coordenação, ou mesmo para os serviços fora da escola. Isso nos revela que a automutilação provoca nos profissionais da escola a necessidade de se ajudarem, de conversarem sobre o tema e entender a forma de atendimento que os estudantes demandam. Temos então aqui uma postura agregadora adotada por funcionários da escola, provocada pelas atitudes dos jovens em machucarem o próprio corpo e as elegerem como suas confidentes.

No cotidiano daqueles que trabalham nesta escola, estava se tornando cada vez mais comum ouvir falar em automutilação e identificar seus praticantes, como os *meninos que se cortam*. Esses estudantes costumavam apresentar características parecidas como humor depressivo, dificuldade de expressão verbalizada, pouca socialização, eles usam casacos mesmo em dias de calor, pulseiras de pano que cobrem toda a região do pulso, tem preferência pelas vestimentas de cor preta. São vistos como jovens que necessitam de cuidados especializados, mesmo os agentes da escola não conseguindo especificar que tipo de cuidado eles precisam.

A prática da automutilação na escola traz certo desconforto, normalmente vem acompanhada por transtornos e conflitos de ordem social, psicológica e emocional, deixando os profissionais que trabalham com esse público em diferentes paradoxos, quanto ao tratamento da questão em suas rotinas de trabalho.

Ao identificar casos de automutilação entre os seus estudantes, a gestão da escola assume funções muito complexas, tais como, acolhimento; apuração da situação; aconselhamento; encaminhamento ao serviço de saúde; e comunicação aos pais. Tais funções me geraram desconforto também, e demandava uma postura de muita gentileza e delicadeza às pessoas e às situações, sendo o momento mais desconfortante a comunicação dos casos de automutilação aos pais dos estudantes que a praticavam.

Muitos pais parecem não notar tais práticas, uma vez que, não conseguem identificar os sinais da automutilação em seus filhos, os cortes praticados, o sofrimento demonstrado, o caráter depressivo, o silêncio, o isolamento, o humor depreciativo. Esse desconhecimento é um fenômeno muito característico da dinâmica do mundo contemporâneo, que é provocadora de distanciamentos entre os familiares, em decorrência do tempo de produtividade, dedicado ao trabalho e ao lazer, considerando aqui lazer como conjunto de práticas, em oposição ao trabalho.

Em meio aos atendimentos feitos aos estudantes, nota-se a automutilação como uma prática curiosa e reveladora dos conflitos emocionais pelos quais seus praticantes passam, entendendo também como ato comunicativo, do qual se revela um uso intencional, consciente e eficiente quanto ao alívio da dor psicológica. Existe uma cultura de supervalorização dos problemas de saúde física, em detrimento dos problemas de saúde emocional, havendo fuga ou até mesmo vergonha de assumir que se está passando por um problema de saúde dessa ordem.

Percebemos aqui uma possibilidade de explicar essa atitude de transferência da dor, uma vez que, a pessoa acometida por problemas físicos de saúde serão mais bem acolhidas, compreendidas e tratadas de forma adequada e eficiente, do que a pessoa acometida por problemas emocionais. Muitos dos professores observados na escola ainda questionam a existência de doenças emocionais, traduzindo-as como preguiça, fraqueza, irresponsabilidade ou mesmo despreparo para a vida, esse mesmo questionamento é menor mediante problemas de saúde física.

A identificação dos *meninos que se cortam* ou demonstram tendência à automutilação não é uma tarefa obscura para a escola, fornecendo aos profissionais uma tipificação de quem são os adolescentes que demandam atenção especializada. Oferecendo à escola a atribuição de fazer acolhimento e encaminhamento aos serviços de saúde e/ou assistência social do município, os jovens que apresentam sofrimento a partir de suas diferentes questões de saúde, em especial, a saúde mental e a saúde emocional.

No entanto, a identificação não é o suficiente, existem diferentes posturas dos professores, gestores e funcionários diante dos estudantes que se automutilam, alguns dos professores ficam sem saber como agir diante desses fatos, outros procuram não envolver-se com esses jovens, por não saberem de que forma tratar a questão. Há, inclusive, medo que as atitudes dos professores possam piorar o problema, servindo de incentivo que estimule ou agrave a prática, na psicologia esse dispositivo é chamado de gatilho emocional, como explica Garcia (2020):

Chamado de gatilho emocional ou mental, essa espécie de "disparo de traumas" aciona cadeias de memória ruins e têm poder para mudar o estado de humor, interferir na forma como se toma decisões e no comportamento social. É uma situação que precipita sentimentos e sensações desagradáveis para alguém, afetando aspectos que podem ser muito sensíveis ao indivíduo, como baixa autoestima ou sentimentos de desamparo.

Observa-se aqui uma atitude também de autopreservação do professor tanto no sentido de não querer ser um agente de possível agravamento dos sintomas que os estudantes apresentam, bem como, sentir que o envolvimento pode lhe trazer também abalos psicológicos.

Evidencia-se aqui, a necessidade de preparo e formação aos professores, para enfrentarem esse tipo de situação, elaborarem estratégias de como agir e empreenderem suas performances com segurança e assertividade diante da automutilação entre seus alunos. Portanto, uma formação docente voltada para as ações de acolhimento e escuta respaldada pela psicologia, se faz uma alternativa viável para amenizar esse problema dos professores.

Em julho de 2019 entrou em vigor a Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019 decretada e sancionada pelo Governo Federal do Brasil, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, que obriga as escolas e outras instituições a comunicar os casos ao governo, a fim de criar um banco de informações que orientará o investimento numa política de assistência a esse tipo de caso, como versa o capítulo VIII, do artigo 3º:

(...) promover a notificação de eventos, o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos de coleta e análise de dados sobre automutilações, tentativas de suicídio e suicídios consumados, envolvendo a União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e os estabelecimentos de saúde e de medicina legal, para subsidiar a formulação de políticas e tomadas de decisão.

A Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, ainda traz uma orientação ou intenção de formação/capacitação aos professores e demais profissionais quanto ao tratamento e à abordagem de seus estudantes, uma vez que for identificada a prática da automutilação na escola, ou trazida pelo estudante para a escola citando como um de seus objetivos “promover a educação permanente de gestores e de profissionais de saúde em todos os níveis de atenção quanto ao sofrimento psíquico e às lesões autoprovocadas”.

O que nos deixa clara a preocupação com a formação de profissionais voltada para o acolhimento de jovens com problemas de saúde mental na escola, considerando que a escola, tem se demonstrado como principal ambiente eleito pelo jovem para falar sobre ou mesmo praticar a automutilação. É reconhecida aqui a necessidade de estarmos mais preparados, no sentido de ter maiores conhecimentos, identificar e enaltecer nossas habilidades para elaborar formas de lidar com essa questão na escola.

Essa demanda denota a oportunidade de a escola poder elaborar espaços de formação sobre essa temática, que pode ser empreendida por todos os segmentos da escola, sendo necessário primeiramente dar voz àqueles que convivem de perto com essas questões, que são os estudantes. Esse texto se trata de uma dessas possibilidades, mas ele tem sua gênese, ou pelo menos a sua maior inspiração em outro empreendimento anterior, protagonizado por estudantes quando foi dado voz a eles, dentro desse contexto de inovação curricular, como trataremos na seção a seguir.

2.4. A automutilação como possibilidade de pesquisa no contexto do NTPPS

No ano de 2018 a escola aderiu a uma reforma curricular do Ensino Médio proposta pela SEDUC, que dentre outras questões trazia um novo componente curricular para a sala de aula, chamado de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais - NTPPS, essa nova ferramenta pedagógica, faz parte de um esforço da Secretaria Estadual de Educação do Ceará para requalificar o currículo do Ensino Médio, como descrito no site SEDUC-CE:

É um componente curricular integrador e indutor de novas práticas que tem como finalidade o desenvolvimento de competências socioemocionais por meio da pesquisa, da interdisciplinaridade, do protagonismo estudantil, contribuindo fortemente para um ambiente escolar mais integrado, motivador e favorável à produção de conhecimentos. Ao longo de 160 horas/ano, as oficinas do NTPPS são orientadas por meio do material estruturado, Planos de Aula e Caderno do Aluno. Os projetos de pesquisa desenvolvidos a cada ano são orientados pelos professores da escola, provocando a interdisciplinaridade entre o que está sendo trabalhado no NTPPS e as áreas do conhecimento. Os ambientes de investigação, dentro dos quais estão situadas as vivências e as pesquisas, são: a escola e a família, no primeiro ano; a comunidade, no segundo ano; e o mundo do trabalho, no terceiro ano.

Assim como no PPDT, o NTPPS traz uma proposta de trabalhar o conhecimento racional e o emocional dos estudantes a partir de um conjunto de competências, chamados de Competências Socioemocionais. As Competências Socioemocionais fazem o conteúdo essencial desse novo componente curricular, fazem parte de um conjunto de competências a serem desenvolvidas nos estudantes ao longo do Ensino Médio. Elas estão organizadas e divididas em cinco macro competências, que, por sua vez carregam cada uma, um grupo de habilidades, como no diagrama ilustrado abaixo:



A ideia principal do NTPPS é oferecer aos estudantes uma formação acerca das competências socioemocionais, ao longo dos três anos do Ensino Médio, essas competências foram elaboradas pela UNESCO em parceria com o Banco Mundial, entendidas como novas demandas para o mundo do trabalho contemporâneo, e reconhecem que a trajetória escolar é o melhor período para que elas sejam aprendidas e desenvolvidas pelos estudantes. No caso do Ceará elas são trabalhadas nas escolas da rede estadual, sob orientação da Secretaria Estadual da Educação em parceria com o Instituto Ayrton Senna, em seu site, o Instituto Ayrton Senna às descreve da seguinte forma:

Competências socioemocionais são capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas. Elas podem ser observadas em nosso padrão costumeiro de ação e reação frente a estímulos de ordem pessoal e social. Entre outros exemplos, estão a persistência, a assertividade, a empatia, a autoconfiança e a curiosidade para aprender. Exemplos de competências consideradas híbridas são a criatividade e pensamento crítico pois envolvem habilidades socioemocionais e cognitivas.

Para prepararem-se para esse trabalho, os professores lotados em NTPPS, recebem formação específica sobre a sua Filosofia e a metodologia das aulas que já vem para a escola previamente pensada e estruturada num material de apoio ao docente, que é estudado e experimentado nas formações dos professores de NTPPS, organizadas pela SEDUC a cada bimestre do ano letivo. Nessa oportunidade os professores das várias escolas de uma região são reunidos por série e experimentam as oficinas trocando experiências e avaliações acerca da aplicabilidade e necessidade de adaptação do material estruturado e das metodologias propostas.

O NTPPS tem como eixos principais o autoconhecimento do aluno e a prática da pesquisa, sua metodologia de aula acontece a partir de vivências de grupo nas quais os conhecimentos sobre as Competências Socioemocionais são construídos. Assim como acontece com o PPDT, no NTPPS a gestão escolar também tem um cuidado de pensar no perfil do professor, está além das características essenciais de um Diretor de Turma, precisa também ter conhecimento mínimo sobre metodologia da pesquisa científica.

Esse componente curricular se realiza em 4 horas-aula semanais, e foi implantada na escola, em 2018, primeiramente apenas nas 1^{as} séries, expandindo para as 2^{as} séries no ano seguinte e para as 3^{as} séries consecutivamente. Ao longo do primeiro ano de implantação do NTPPS na escola, nas 1^{as} séries, o primeiro semestre era todo composto por vivências de grupo e atividades voltadas para a identificação e aprimoramento das Competências Socioemocionais nos estudantes, e o segundo semestre era voltado para a vivência de uma experiência de pesquisa.

Nessa vivência de uma experiência científica, o professor trabalhava a cada aula/oficina um dos componentes da metodologia da pesquisa (Pergunta de partida, hipóteses, objetivos gerais, objetivos específicos, justificativa, metodologia, referencial teórico, resultados preliminares e proposta de intervenção) e os estudantes divididos em grupos de trabalho de 5 a 7 componentes, estruturam o seu projeto de pesquisa. Tudo isso considerando a idade, a maturidade, fruição escrita, a capacidade leitora e a etapa de aprendizagem dos estudantes de cada série do Ensino Médio.

No meio desse processo cada turma de 1^o ano organizou um evento no qual faziam comunicações orais de seus projetos de pesquisa para os colegas de sala de aula e para um grupo de especialistas convidados, que faziam comentários no sentido de causar melhoramento e qualificação do projeto de pesquisa. Ao final do ano letivo, os resultados dessas pesquisas eram apresentados pelos grupos de estudantes na Feira de NTPPS, que se tornou mais um grande evento escolar logo em seu primeiro ano de implementação.

Além das regras do método científico aprendidas nas aulas de NTPPS, os estudantes precisam respeitar também, na elaboração de seus projetos duas regras gerais: 1 – o problema de pesquisa identificado precisava estar dentro dos muros da escola; e 2 – as proposições de problema de pesquisa, precisam estar ligadas ao macro campo “Saúdes da escola”. A decisão por usar o termo Saúdes, no plural, se explica pelo alargamento das possibilidades de escolha dos estudantes que iam desde problemas de saúde que afetam aos estudantes, como transtorno alimentar e dengue, por exemplo, até problemas que afetavam o trabalho escolar, como abandono e evasão escolar.

Um dos grupos de pesquisa da 1^a série, da turma C da tarde, resolveu estudar as práticas de automutilação entre os estudantes, em sua justificativa para a escolha do tema eles falaram que a automutilação foi o seu cartão de visitas à escola, uma vez que na primeira semana de aula, os estudantes se depararam com a automutilação.

Foi durante uma vivência na aula de NTPPS, em que trabalhavam a competência autoconhecimento, na qual eles giravam em roda pela sala de aula e se misturavam, eles repararam nos pulsos de uma colega lesionado, e ao perguntarem do que se tratava ouviram um depoimento de uma estudante que se cortava, alegando que essa prática a ajudava a lidar melhor com suas dores, advindas de problemas familiares, na relação com sua mãe.

Quando assisti a comunicação oral desse grupo para a banca de qualificação, foi a primeira situação em que refleti sobre a possibilidade de estudar esse problema com o qual já convivia na escola, do ponto de vista científico, que esse poderia ser um tema de pesquisa para o mestrado que eu já intencionava fazer. Tive nessa oportunidade a dimensão do olhar dos estudantes que identificaram esse como um dos problemas de saúde da escola, que até então o tratamos de maneira íntima e subjetiva de cada estudante que tinha esse hábito.

A pesquisa dos estudantes de NTPPS da turma do 1º ano C sobre Automutilação na escola aplicou um questionário a todos os estudantes regularmente matriculados em agosto de 2018 e chegou à informação de que 21% dos estudantes que responderam ao questionário praticavam a automutilação e que 75% conheciam ou pelo menos tinham ouvido falar de um colega que tinha essa prática. Esse dado nos esclarece quanto à questão da automutilação é uma prática recorrente entre os estudantes dessa escola, o que também pode ser identificado ao conversar com qualquer estudante da escola.

Eles também tiveram como ação do projeto uma roda de conversa sobre o tema, nesse empreendimento, eles puderam observar que mesmo sendo praticantes da automutilação, os estudantes se referiam a quem pratica automutilação em terceira pessoa, trazendo a figura do outro e não a figura de si mesmo para falar sobre o problema. Essa atitude de fuga também é reparada quando tentamos conversar com alguns estudantes que se sentem à vontade para falar da automutilação de seus colegas, mas demonstram maior cuidado e certo temor ao falarem de suas próprias práticas de se cortarem.

O grupo de pesquisa, que era orientado pela Secretária da escola, contava também com acompanhamento da psicóloga do CRAS que além de proferir palestra sobre a temática na escola, também participou da roda de conversa supracitada. Reparamos então no cuidado e responsabilidade do grupo em procurar estar amparado por profissional que pudesse lhes oferecer suporte, orientação e colaborar com o melhoramento de suas práticas.

O Núcleo de Trabalho Pesquisa e Práticas Sociais e o Projeto Professor Diretor Turma são empreendimentos da Secretaria Estadual da Educação do Ceará, que concordam com o movimento nacional de reforma do Ensino Médio que desemboca na criação de novos parâmetros curriculares para o Ensino Médio e uma renovação de seu currículo, popularmente conhecida como Novo Ensino Médio.

Tais empreendimentos estabeleceram na escola uma atmosfera que favorece mudança de postura dos professores que se voltaram para questões antes não trabalhadas na escola, dentre elas a atenção à saúde emocional dos estudantes. A instauração dessa nova atmosfera na Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha estabeleceu cenário ideal para que a automutilação e a saúde emocional como um todo, seja mais observada e vire alvo de atenção e preocupação dos professores.

Agora convidados a se repensarem e reformularem suas práticas pedagógicas, os professores da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha precisam se apegar a essas experimentações já proporcionadas pela SEDUC para estarem preparados e seguros frente às mudanças previstas para 2022 pelo Ministério da Educação.

Sinti a necessidade escutá-los com mais intensidade, mas não para falar do Novo Ensino Médio diretamente, e sim para falar sobre essas experiências vividas, suas estratégias empreendidas e as aprendizagens advindas dela, que fizeram da automutilação um fenômeno cuidado amparado e estudado por todos na escola. Necessário também é refletir sobre a metodologia desta pesquisa especificamente, para entender seus caminhos e descaminhos, além de pensar nas influências e afecções sofridas em campo que treinaram e sensibilizaram o olhar do pesquisador, a fim de estranhar a automutilação como objeto de estudo. Tais questões serão estudadas no capítulo a seguir.

Capítulo 3. AUTOMUTILAÇÃO “É DA NOSSA CONTA”: DAS ENTREVISTAS.

Como estratégia de observação, optou-se nesta pesquisa por eleger um espaço específico para observar e analisar as práticas da automutilação entre os jovens interlocutores. Trata-se, como já colocado anteriormente, de uma escola pública de Ensino Médio, mais especificamente a escola na qual trabalhei e foi também onde estudei por toda a juventude, situação essa que proporciona familiaridade com o público observado, bem como, maior propriedade ao tratar do tema, haja vista que há uma vivência prática diferente e anterior à situação de pesquisa.

A cidade de Chaval e a escola são espaços relevantes aqui, uma vez que exercem influência intensa sobre a vida dos jovens que se fizeram interlocutores ao longo do processo de observação do campo, fazendo, assim o campo desta pesquisa, o cenário no qual os atores desenvolvem as suas práticas de automutilação. A escola como um primeiro e principal espaço, e a cidade como espaço secundário, considerando que as socializações acontecidas na escola tem relação direta com as socializações acontecidas na cidade.

Uma discussão metodológica interessante desenvolvida ao longo deste texto, sob a ótica de um pesquisador que investiga o seu próprio ambiente de trabalho, um espaço com o qual tem fortes vínculos e estabelece outros tipos de relação que estão muito além da intenção de pesquisa. Não se trata de um olhar estrangeiro sobre o lugar e nem de uma pessoa desconhecida ao campo de pesquisa, é uma perspectiva que precisa ser desenvolvida e discutida do ponto de vista teórico, para que se adote uma postura metodológica eficiente mediante essa consideração.

Para além das observações feitas *in loco* na escola que é o campo dessa pesquisa, também optei por utilizar o método da entrevista para coletar as falas dos interlocutores num momento de reflexão sobre o campo, permitindo que eles elaborem suas ideias e opiniões acerca do tema, e também que reflitam sobre as práticas num tempo de amadurecimento da visão, afastados do ambiente escolar podendo repensar os acontecimentos e suas ações perante eles.

Toda a prática de observação do campo aconteceu entre março de 2019 e março de 2020, período do primeiro ano do mestrado, porém com a instauração da Pandemia essas observações ficaram impossíveis e foram interrompidas. Após o hiato da Pandemia de COVID-19, colocado anteriormente houve uma retomada das estratégias de pesquisa, agora trabalhando especificamente com entrevistas junto aos interlocutores.

Nessa parte do texto analisaremos aquilo que foi coletado mais especificamente no contexto das entrevistas com os profissionais que trabalham na escola, porém se faz antes necessária uma discussão teórica acerca da perspectiva metodológica que desenhou esta pesquisa. A discussão aqui feita traz reflexão sobre todo o processo de pesquisa, bem como a forma que a metodologia foi se desenhando e remodelando a partir das experiências de campo.

Afinal há uma forte influência do campo de seus condicionantes na perspectiva na metodológica adotada, além disso, sempre existe a possibilidade de modificar, remodelar, alterar no sentido de readequar as estratégias metodológicas a partir daquilo que Malinowski (1922) chama de os imponderáveis da vida cotidiana, sobre os quais só nos é possível pensar quanto estamos imersos no campo da pesquisa e sujeitos às suas influências.

Fonte de interlocução valiosa a este estudo são as falas dos profissionais, tanto os professores que trabalham diretamente com os estudantes na escola, quanto com a Psicóloga que atende aos estudantes encaminhados pela escola, através da Coordenação Escolar, aos serviços de saúde e assistência social da Prefeitura Municipal de Chaval.

Garantido a esta pesquisa a possibilidade de olhar a questão a partir de diferentes perspectivas, o que proporciona diferentes dimensões de observação das práticas de automutilação além da elaboração de discursos diversos acerca disso e de seus praticantes, dando voz aos personagens que contornam a prática da automutilação entre as pessoas observadas.

Tais entrevistas coletadas respeitaram sempre a vontade individual e a autorização para que seus relatos sejam utilizados, deixando-os conscientes que se trata de uma pesquisa, com finalidade muito clara, bem como que seus discursos são usados para análise e transcritos para o formato textual, e poderiam ser parcialmente citadas ao longo do texto.

Num primeiro período, entre agosto de 2019 e março 2020, realizei quatro entrevistas com diferentes interlocutores, estando distribuídas da seguinte forma: duas com estudantes praticantes da automutilação; uma com a professora de Sociologia da escola que também é PDT; uma com a psicóloga que atende os estudantes no serviço municipal. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por mim posteriormente, fazendo-se uma importante fonte de informação para essa pesquisa, possível de ser registrada e revisitada em diferentes momentos da produção deste texto.

As entrevistas com os estudantes foram realizadas em ambiente escolar, numa sala reservada para esse fim, com um agendamento feito previamente na data e horário escolhidos pela pessoa entrevistada. Foi utilizado um aplicativo de gravador de voz do meu celular para registro das entrevistas e posteriormente fiz a transcrição no editor de textos de meu computador. O trabalho de coleta dessas entrevistas foi interrompido pela instauração do Isolamento Social na Pandemia de COVID 19.

Num segundo período de tempo, quando a vacinação contra o vírus da COVID-19 avançando e as escolas se planejando para a retomada do ensino com aulas presenciais, a partir de um modelo híbrido, começo também a redesenhar a retomada das estratégias metodológicas desta pesquisa. Nesse contexto, muita coisa mudou inclusive meu local de trabalho e moradia, uma vez que fui transferido para a cidade de Sobral e estou trabalhando numa escola estadual desta cidade, portanto é mais que necessário repensar a metodologia e a abordagem dos interlocutores, uma vez que o campo de pesquisa não faz mais parte de meu cotidiano de trabalho.

Instaurou-se o Novo Normal, nomenclatura atribuída às práticas que tiveram que ser adotadas para a garantia da manutenção dos processos imprescindíveis na situação do isolamento social, que teve fortes impactos no formato das aulas que as escolas do Brasil mantiveram, sendo que se trata de aulas remotas possibilitadas pelo uso de aplicativos de conversação em tempo real, com uso de áudio e vídeo-chamadas, nas quais os professores se encontram com os estudantes que tem acesso a essas ferramentas em salas de aulas virtuais para a continuidade de suas atividades letivas como Dutra-Pereira (2020) nos explica:

O surgimento da pandemia provocada pela COVID-19 trouxe à realidade uma face de incertezas, medos, reflexões. Diante desse cenário assustador, a sociedade precisou se (re) inventar e passamos a viver o “novo normal”. O atual conceito de normalidade alterou o campo social e o educacional, trazendo o ensino remoto para a realidade da educação brasileira. (p. 25)

Essa nova modalidade de aulas é também o modelo que resolvi adotar para a continuidade das entrevistas com os interlocutores desta pesquisa, uma vez que as ferramentas digitais permitem gravação e registros dos áudios e vídeos facilitando assim o acesso e comunicação com os interlocutores a serem entrevistados.

Entendemos aqui não estar diante apenas de uma metodologia simplesmente paliativa que se fez necessária devido ao por causa do Isolamento Social, mas sim de uma nova forma de fazer pesquisa em Sociologia, sendo o uso das ferramentas virtuais não um modelo provisório, mas sim uma possibilidade metodológica anterior à Pandemia e hoje concretizada, como Nascimento (2016) coloca:

Obviamente que tais transformações sociais impactaram o modo como fazemos ciência, reverberando, também, na disciplina da sociologia. Alguns autores chegam a defender que estamos diante de um modo completamente novo de fazer sociologia (Wynn, 2009; Beer et al., 2007, 2013; Lupton, 2015). Segundo eles, existiriam mudanças urgentes na aquisição das competências necessárias para o ofício de sociólogo, especialmente em relação ao uso de novas tecnologias no ensino, na pesquisa e na divulgação científica da sociologia. (p.13)

Na escola, a partir do modelo de aulas remotas foi colocado aos professores o desafio de aprimorar as suas habilidades com ferramentas digitais da internet, incluindo o uso de redes sociais e de plataformas de conversação on-line, que simulam uma sala de aula do modelo convencional. Para atender a essa demanda, a Secretaria Estadual da Educação Ceará, resolveu disponibilizar um pacote de ferramentas digitais para que os professores usem a mais adequada para a sua realidade escolar, no contexto da Pandemia, dentre elas a plataforma do Google Meet.

Tenho utilizado a ferramenta digital chamada Google Meet⁸, pois seu uso se popularizou muito entre os professores da rede de educação de âmbito da Secretaria Estadual de Educação do Ceará, uma vez que é a ferramenta mais usada para possibilitar as aulas remotas em tempo real e/ou gravadas. A sua escolha se deu pela familiaridade tanto minha como dos entrevistados com o seu funcionamento e também porque se trata de uma conversa ao vivo deixando a situação de entrevista mais parecida com uma conversa presencial.

O Google Meet me permitiu gravar as entrevistas para possibilitar sua revisão e transcrição, além disso, permitiu também o arquivamento das entrevistas em áudio e vídeo em meus arquivos digitais, podendo acessá-las de qualquer lugar, a partir de um aparelho conectado à internet, sendo, portanto, a ferramenta digital mais eficaz considerando os condicionamentos ainda de Isolamento Social sob os quais essa pesquisa tem sido realizada.

Considere-se aqui a existência de outras ferramentas digitais também possíveis de serem usadas para o mesmo fim e com funcionalidade e eficiência parecida, sendo a familiaridade dos interlocutores da pesquisa com essa ferramenta em específico, causada pelo fato de ela ser um dos nossos instrumentos de trabalho no novo normal, a motivação que justifica a sua escolha nesse contexto.

⁸ O Google Meet (agora chamado apenas de Meet) é uma ferramenta corporativa, ou seja, foi pensada e desenvolvida especificamente para as empresas realizarem reuniões em videoconferência ou chamadas de voz à distância. Com alta qualidade de áudio e vídeo e comportando um grande número de participantes online ao mesmo tempo, o app é muito útil, principalmente, em tempos de pandemia. O Meet é integrado ao Google Workspace (antigo G Suite) que é o sistema completo para empresas que desejam implementar uma gestão integrada com prioridade para uma comunicação eficiente.

A seguir temos análises sobre as falas dos entrevistados no contexto desta pesquisa, essas falas foram coletadas nas duas situações de entrevistas descritas e foram organizadas da seguinte forma: entrevistas com os estudantes que praticam a automutilação, entrevista com a psicóloga que atende aos estudantes encaminhados pela escola e entrevistas com os professores onde teremos foco maior de análise, considerando o objetivo geral desta pesquisa que é voltado para a observação das atitudes dos docentes.

3.1. “-Quando as lágrimas secam””: as entrevistas com os *meninos que se cortam*

Os estudantes que foram entrevistados reúnem características que são comuns entre eles e trazem desafios para os professores e para a gestão escolar que estão para além da prática da automutilação, tais como baixo rendimento escolar e frequência irregular, sendo recorrente os seus nomes aparecem também nos registros de atendimento do PPDT, além de terem passado por algum tipo de atendimento com a psicóloga que trabalhava em parceria com a escola.

Depois de um tempo de convivência com os estudantes que praticam a automutilação na escola, os laços de afetividade iam se aproximando e com essa afinidade estabelecida eu os convidava para um momento de entrevista, esclarecendo para eles que se tratava de uma contribuição para a minha pesquisa de mestrado, que fala sobre automutilação de jovens na escola e que as suas identidades seriam preservadas.

As entrevistas com os estudantes aqui tem a função de nos permitir pensar a prática da automutilação sob a ótica dos estudantes, focando naquelas características que são mais recorrentes entre eles, para assim desenharmos um perfil do estudante que tem sido observado e com quem se dialoga no contexto dessas entrevistas.

Os estudantes foram questionados sobre a prática da automutilação, seu conhecimento a respeito desse fenômeno, seus primeiros contatos e os vieses proporcionadores desse contato, bem como, todas as representações que elas possam ter, nos diferentes âmbitos de suas vidas, indagando sobre os sentimentos despertados ao se cortarem, os impulsos que o motivaram a prática, as relações entre o processo de automutilação e suas outras experiências vividas.

Reparo que ao responderem esse conjunto de perguntas demonstram uma comoção maior, causando um momento mais emocionado, o ato de se cortar em si traz a esses jovens uma espécie de culpa ou de auto cobrança, que ao pensarem sobre eles ficam emocionalmente desestabilizados, fazendo perceber também a situação de dor em que estão imersos.

É recorrente a explicação de transferência da dor emocional para a dor física em suas falas, bem como as lembranças que são entendidas como angústia, inclusive falando dos cortes como a alternativa de extravasamento de suas dores quando as suas lágrimas já não proporcionam mais o mesmo alívio. Quando as lágrimas secam o recurso de ferir o próprio corpo se torna o recurso causador de certo alívio, bem como uma fonte de prazer que os ajuda a lidar com o que está se passando em suas cabeças. Como explica a entrevistada:

“Professor eu já chorei muito, muito mesmo, antes eu me sentia muito mais aliviada quando eu conseguia chorar, mas tem situações quando as minhas lágrimas secam e a dor não passa, aí eu me corto e sinto que eu fico melhor, parece que a dor que eu sinto quando me corto e o sangue que sai me deixam mais aliviada, aí eu choro de novo, mas é choro de alívio, sabe professor?” (Áurea – 15 anos)

Outro conjunto de indagações importantes aos estudantes foram perguntas sobre a escola, a representação daquele espaço no pensamento deles, a relação entre a escola e a automutilação, o impacto das práticas educativas relativas à automutilação empreendidas pela gestão escolar. Sempre com preocupação de entender como a escola significa espaço de vazão e de reconhecimento do problema da automutilação.

A pretensão aqui é compreender o que diabos eles estão pensando Geertz (2002), acerca do que estão praticando. Ouvir os estudantes que são praticantes da automutilação foi um importante passo, uma vez que a tentativa de compreender os sentidos de suas práticas é objetivo específico desta pesquisa, então ouvir seus discursos a respeito, possibilita apresentar a automutilação sob a ótica deles que é o caminho mais adequado para a compreensão e a elaboração das formas de lidar com a prática na escola.

Nessas entrevistas tomava o cuidado para que eles pudessem expor a questão de forma confortável e confiante, sendo que havia momentos de emoção e até mesmo choro, por estar envolvido com esses jovens e conhecer as suas vivências, eu também por muitas vezes estava emocionado com seus relatos.

Mediante alguns desses relatos eu me perguntava “-Como eles conseguem aguentar?”, pessoas tão jovens submetidas a uma carga de sofrimento e uma pressão psicológica tão forte, que eu não sei se aguentaria, caso fosse eu a passar por isso. Esse questionamento denota o meu local de privilégios quando era jovem, se comparado ao local ocupado por aqueles que estavam diante de mim, relatando suas experiências com automutilação no momento da entrevista.

Um conjunto de características comuns à esses estudantes, que me foram possíveis de observar também são: semblante constantemente nostálgico; apresentação de sintomas relativos à problemas de saúde, tais como episódios de choro e descontrole do humor; a maioria dos praticantes da automutilação são jovens mulheres; e relatam problemas nos relacionamentos com seus pais, principalmente no tocante à relacionamentos amorosos e questões relativas ao público LGBTQIAP+.

Tem entre 14 e 19 anos de idade, não exercem atividade de trabalho formal; apresentam dificuldades de atenção ou mesmo de permanência em algumas aulas; solicitam constantemente atendimento do professor diretor de turma; apresentam dificuldade em tirar notas mais altas e de manter uma frequência intensa às aulas; além disso, apresentam maior dificuldade de integração em grupos de amizades sempre preferindo formar pequenos grupos de amigos.

São notáveis desses jovens as características de auto depreciação, tais como, falta de atenção à higiene corporal; menor desenvoltura da fala, permanecendo, a maior parte do tempo calado, tanto nas conversas com os grupos de amizade, quanto nas aulas; tem apego às metodologias e aos professores das aulas de NTPPS e de Formação para a Cidadania e Desenvolvimento de competências socioemocionais do PPDT. Esse apego à aulas do PPDT e do NTPPS é explicada por eles pelo caráter inovador, como fica claro nas falas:

“Nessas aulas a gente pode falar sobre tudo o que quiser, os professores falam menos que os alunos toda vez porque os professores prestam mais atenção é na gente nessas aulas. Me sinto muito mais à vontade e animada nas aulas do PDT e de NTPPS, é um momento que eu esqueço de todo o resto” (Mariana – 16 anos).

Nas entrevistas eles também relatam ter ouvido falar sobre as práticas de automutilação pela primeira vez em palestras acontecidas nas escolas em que cursaram Ensino Fundamental e nas redes sociais da internet, bem como no discurso de amigos que já eram adeptos a tal prática localizando sempre na escola o lugar onde mais vivenciam situações relacionadas às práticas de automutilação.

Sobre o relacionamento com os pais eles reclamam de falta de atenção e carinho nos jeitos de tratar, bem como relatam atos de violência verbal, psicológica e em casos mais raros agressões físicas presentes nas atitudes disciplinadoras de seus pais. O apontamento sobre não ser aceito pelos pais é comum nos discursos dos *meninos que se cortam*, o que nos esclarece também uma demanda pela aceitação dos pais, que pode ser traduzida como uma maior participação e envolvimento com o cotidiano vivido do jovem, bem como um tratamento mais empático e interessado.

Sobre o horário que eles costumam passar se cortando é variável normalmente em situações onde estão mais parados e reclusos, tais como, ações de uso do banheiro, durante as noites e madrugadas, quando estão sozinhos em casa ou, como já vimos anteriormente, na própria escola. Sobre a recorrência do ato de se ferir eles relatam existirem temporadas em que se cortam quase todos os dias e outras temporadas em que raramente o fazem, nem sempre havendo um motivo específico que tenha dado gatilho para a prática:

“Nem sempre a gente começa a fazer porque tem um motivo específico, não é só porque aconteceu alguma coisa assim sabe professor, às vezes eu só tô em casa sozinha e aí vem aquela vontade de se cortar, assim como se fosse do nada, não sei explicar direito, mas não é nem pra sentir dor não, porque quando dói muito ou quando sangra eu paro.” (Mariana – 16 anos).

A automutilação se torna um recurso para lidar com as dores emocionais, que também é fonte de prazer, portanto a automutilação entra de certa forma no cotidiano do jovem, que por vezes a prática mesmo sem um motivo específico que tenha lhe causado sofrimento ou angústia, como uma espécie de treino cerebral, para buscar alívio/prazer, mesmo que não haja um episódio de dor prévio como fica explícito na seguinte fala: *“às vezes, quando eu sei que estou sozinho, eu vou pro banheiro e me corto, mesmo que eu não esteja triste nem nada, aí eu faço”* (Marcos – 17 anos). Aqui o estudante fala de uma situação diferente, como o fato de estar sozinho seja uma oportunidade para praticar a automutilação, mesmo sem a justificativa do sofrimento emocional aparentemente.

Sobre seu relacionamento com a escola, eles afirmam ser um lugar do qual gostam bastante e onde produzem diferentes afetividades, sendo também os cenários de suas investidas amorosas e de popularidade, o que interfere diretamente na sua forma de se postar socialmente naquele espaço. São relatadas também situações de bullying sofridos por esses entrevistados normalmente relacionados ao seu jeito de se portar, sendo xingados com maior recorrência pelas palavras: *esquisito(a), doído(a), desajeitado(a) e banzo(a)*.

Ainda sobre a escola, eles afirmam preferir estar na escola, que em suas casas ou na rua, que se sentem mais à vontade e protegidos dentro da escola, além de ser um lugar onde as pessoas os tratam de forma menos hostil.

“Aqui todo mundo é educado e me trata de um jeito melhor, em casa, na maioria das vezes, só pego é ignorância, isso é muito chato. Tem gente que acha alguns professores ignorantes, mas isso é porque nunca viram como a mãe me trata lá em casa, aqui eu me sinto muito melhor e sou mais bem tratada. Pelo menos aqui eu não tenho medo de ninguém me bater e ser ignorante, eu sei que todo mundo aqui só vai conversar” (Áurea – 15 anos).

Portanto, a escola funciona aqui como espaço de segurança para os jovens estudantes que praticam a automutilação, fazendo com que eles se sintam mais à vontade inclusive para falar sobre suas práticas e sobre as dores envolvidas a essas práticas.

Uma das maiores aliadas da escola durante o período de observação do campo de pesquisa foi a psicóloga do Centro de Referência da Assistência Social de Chaval, uma profissional que se aproximou da escola a partir da demanda dos estudantes por uma atenção maior aos atos de automutilação.

Ao me deparar com estudantes trazidos pelos PDT's que relatam sofrimento, angústia e outros abalos de ordem emocional à sua saúde, eu entrava em contato com esta psicóloga para agendar atendimento particular, fazia o agendamento e encaminhava o estudante. Ressalte-se que esse tipo de atendimento particularizado não faz parte da proposta de seu trabalho, que é voltado para a Assistência Social, o que deixa clara a parceria desta profissional e sua sensibilidade perante o trabalho escolar, está aqui estabelecida então uma rede de apoio e ajuda mútua interinstitucional.

Ela oferece uma visão diferente da visão dos estudantes e dos professores da escola, tanto por estar na escola em situações esporádicas, não fazendo parte da rotina do local, e por conhecer os estudantes em uma situação diferente das observadas por mim na escola. A seguir temos então a descrição da entrevista com a psicóloga que em parceria com a escola, atendia aos *meninos que se cortam* no tempo das observações do campo descritas acima.

3.2. A rede de parceria a partir do serviço da psicóloga do CRAS de Chaval

Esse momento de entrevista com a psicóloga foi combinado anteriormente considerando a disponibilidade da profissional, aconteceu em sua sala de trabalho, mesmo local em que atende aos *meninos que se cortam*, uma sala convencional, com uma janela que dá vista para um jardim, com uma mesa onde ela recebe seus atendidos. A sala é toda pintada de branco e tem uma atmosfera de versatilidade, uma vez que não se trata de um consultório de psicologia, sendo que a orientação do trabalho da psicóloga no CRAS não é voltada para atendimentos clínicos, como veremos mais adiante, portanto essa mesma sala era usada para diferentes atividades, preservando o seu acesso apenas à psicóloga durante os seus atendimentos.

A entrevistada estava ciente de minha pesquisa para o mestrado e demonstrou-se feliz em poder contribuir, afinal falávamos sobre algo com o qual já trabalhávamos junto a partir da sua parceria com a escola. Ela se coloca como uma entusiasta e admiradora do trabalho da escola mediante a Saúde emocional do estudante, se pondo sempre disponível para atender às demandas enviadas, considerando também a sua disponibilidade. Ela também é natural de Chaval e foi estudante e filha de professor da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, assim como o autor deste texto.

Na entrevista com a psicóloga perguntei primeiramente sobre a sua atuação profissional em Chaval e a relação dessa atuação com a escola estadual, falamos também sobre seu contato com os estudantes, as estratégias usadas para o atendimento, o estado emocional que os estudantes apresentavam no momento do atendimento, a forma como ela enxerga esses meninos e a sua avaliação sobre necessidade de um acompanhamento terapêutico, bem como, sobre atendimentos feitos pela escola a estudantes com problemas de Saúde Emocional.

Pude perceber que a proposta de seu trabalho é voltada para a Assistência Social, afinal sua atuação é no Centro de Referência da Assistência Social da Prefeitura Municipal de Chaval, uma instituição da administração pública presente em cada um dos municípios brasileiros, que trabalha com o referenciamento de projetos e políticas públicas de assistência social à população de maior vulnerabilidade social.

Seu principal objetivo é garantir o acesso da população de maior vulnerabilidade social a diferentes políticas públicas de assistência que beneficiam a população carente, as ações desta instituição são voltadas para o mapeamento das pessoas em situação de vulnerabilidade e o estabelecimento e fortalecimento de vínculos para que além do acesso garantir também a permanência desse tipo de cobertura aos serviços vinculados.

O CRAS é uma política pública de nível federal, administrado pela Prefeitura Municipal de Chaval, seguindo as orientações nacionais. No site do Governo Federal esta instituição está descrita da seguinte forma:

O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade. A partir do adequado conhecimento do território, o Cras promove a organização e articulação das unidades da rede socioassistencial e de outras políticas. Assim, possibilita o acesso da população aos serviços, benefícios e projetos de assistência social, se tornando uma referência para a população local e para os serviços setoriais. Conhecendo o território, a equipe do Cras pode apoiar ações comunitárias, por meio de palestras, campanhas e eventos, atuando junto à comunidade na construção de soluções para o enfrentamento de problemas comuns, como falta de acessibilidade, violência no bairro, trabalho infantil, falta de transporte, baixa qualidade na oferta de serviços, ausência de espaços de lazer, cultural, entre outros.

O trabalho dos técnicos do CRAS se faz a partir de investimentos em situações que proporcionem fortalecimento de vínculos para que se possa executar os serviços com a maior cobertura e assistência necessária para a realidade local. Essa psicóloga enxergou na Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha uma possível via de estabelecimento dos vínculos necessários ao trabalho de sua instituição, portanto seus primeiros contatos com a escola e com os estudantes se deram através de palestras realizadas na escola, como ações de projetos de seu local de trabalho, ou como convidada da gestão escolar e dos grupos de pesquisa de NTPPS que investigavam essa temática.

Nessas palestras, por expor os assuntos relacionados aos cuidados com a saúde emocional, ela conquistou atenção e empatia dos estudantes e sempre se colocava à disposição da escola para outros momentos da mesma natureza, bem como para atendimentos, caso surgisse necessidade, é notada muita gentileza em seu trato junto aos estudantes o que gerou admiração e empatia na relação com eles, além de certa intimidade com o fazer pedagógico que dá a ela uma postura de mais proximidade e familiaridade com o ambiente escolar.

“Eu gosto muito do envolvimento que temos estabelecido com a escola estadual, pra mim é muito novo observar que numa escola comum, existe essa forma de tratar o estudante se voltando para a sua saúde emocional, além de ser uma oportunidade profissional pra mim é também um grande prazer, me sinto contribuindo para a escola em que estudei a vida quase toda.” (Lays – Psicóloga)

Perguntei à psicóloga sobre o estado que os estudantes chegavam para o atendimento, e ela respondeu que normalmente eles chegavam com demonstração física de sofrimento emocional, tais como choro e tremores no corpo e que a sua primeira atitude era a de estabilizar o jovem para que pudesse prosseguir o atendimento, garantindo maior lucidez.

“É comum eles chegarem aqui com sintomas típico de uma crise nervosa simples, tais como sudorese, tremores pelo corpo, choro, a maioria deles ficam mais silenciosos e tem dificuldade de verbalizar qualquer coisa no estado em que se encontram, portanto, é necessário fazer a estabilização deles, deixando-os mais calmos e à vontade com a situação.” (Lays - Psicóloga)

Considere-se que essa ida à psicóloga acontecia num horário diferente ao horário que o estudante estava na escola, no contra turno, então não havia como a escola acompanhar ou mesmo monitorar esse momento, nem saber o estado em que o estudante se chegava até lá, o que torna mais interessante ainda à fala da psicóloga nessa entrevista.

Sobre a avaliação da necessidade de esses jovens serem de fato atendidos e a forma como o atendimento acontecia, Lays disse que é muito variável, que observa em alguns deles a necessidade do desabafo, de uma elaboração sobre as suas questões relacionadas à automutilação, por isso com esses era necessário ter mais tempo com mais oportunidades de escuta, mas que em outros era a necessidade de ser ouvido e que em poucos encontros ela notava melhoria em seu quadro.

“Uma das questões aqui é que na minha rotina de trabalho eu preciso encontrar brechas para fazer esse tipo de atendimento também, pois o atendimento clínico não é a especialidade do psicólogo do CRAS como você sabe, então não tenho condições de fazer um acompanhamento mais profundo, porém existem alguns casos em que é necessário chamar o estudante aqui mais vezes e procuro ter essa atenção” (Lays – psicóloga)

Ela elogiou a forma como a escola se põe frente à saúde psicológica de seus estudantes, dizendo que essa abertura contribui de maneira muito positiva para a melhoria de seus quadros e que é importante que outras escolas tenham postura parecida. Além do fato de a escola não sofrer sozinha com a questão e buscar estabelecer parcerias com profissionais de fora da escola que trazem uma contribuição diferenciada e uma visão mais preparada para lidar com a questão na perspectiva de um tratamento característico da psicologia, que não seria possível de ser empreendido pelos professores e nem caberia na rotina escolar.

Falou sobre a importância de a escola trabalhar com estudantes para um melhor desenvolvimento desse jovem na escola. Confirmou algumas questões que já haviam sido observadas nas entrevistas com os estudantes como o apontamento de relacionamentos complicados com os seus pais como um fator de gatilho para a automutilação, os pontos de conflitos mais localizados nos relacionamentos amorosos e nas questões LGBTQIA+ e na falta de conhecimentos dos pais dos estudantes acerca das práticas de automutilação de seus filhos.

A partir da fala dela fica perceptível o quanto o tema pesquisado aqui é uma questão a ser trabalhada pelas escolas onde os jovens estudam, tanto pelo seu entusiasmo ao falar sobre o caso da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, quanto pelo empenho com o qual trabalha na rede de parceria com a escola. O que corrobora com as reflexões feitas nos capítulos anteriores sobre a escola ser esse espaço de reunião e sociabilidade juvenil muito significativo para a cidade de Chaval.

“Na escola a gente tem uma oportunidade que é difícil de encontrar em outros espaços, pois é difícil encontrar tantos jovens reunidos dessa forma em algum outro lugar, sem contar que as relações acontecidas lá são mais intensas e mais presentes, afinal eles estão lá todos os dias, por várias horas, a escola ocupa um espaço muito significativo na vida deles.” (Lays – psicóloga)

A palavra parceria aqui empregada pode ser interpretada como uma via de mão dupla se considerarmos que o contato com os jovens da escola, também proporciona ao CRAS o estabelecimento e a formação de vínculos necessários ao seu trabalho. Então essa presença dos profissionais da assistência social da prefeitura na escola, é também uma demanda deles que beneficia a instituição. Essa ideia de rede de parceria foi de extrema importância para o trabalho da coordenação escolar, isso aparece também na fala das professoras que foram entrevistadas, às quais daremos mais atenção aqui nessa parte do texto.

3.3. O discurso das professoras sobre automutilação na escola.

Aqui foram entrevistadas três professoras da escola a primeira delas é a professora Jennyffer de Sociologia e também Professora Diretora de Turma que traz essa visão do desafio a lidar com a automutilação a partir dos atendimentos aos seus alunos, essa professora é graduada em História e tem contrato temporário e sofre anualmente mudanças em sua lotação e carga horária, trabalha desde o ano de 2013. Em seguida entrevisto a professora Lilia que além de PDT também é professora de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e outras Práticas Sociais e conduziu o processo de pesquisa, a professora é graduada em Letras–Português, é efetiva e trabalha na escola também desde 2013 . E a professora Francilene, a coordenadora escolar que trabalhava junto comigo e tem uma trajetória de experiência bastante positiva como professora desta escola e como coordenadora do PPDT, ela trabalha na escola a mais de 15 anos, parte desse tempo foi de contrato temporário, mas hoje é professora efetiva.

Na entrevista com a professora de Sociologia da escola ficou claro para mim o quanto o Projeto Professor Diretor de Turma, no contexto de seus atendimentos particulares aos estudantes, é a via de escuta direta para que os estudantes automutiladores se exponham se coloquem e desabafem suas dores a esses profissionais. Fica claro o quanto a situação de um adulto disposto a escutar estabelece segurança e conforto para o jovem, e que a sua fala se torna fluida a partir do estabelecimento de uma relação empática e instrumentalizada para o seu acolhimento e ajuda dentro das possibilidades do contexto escolar. Como a professora esclarece na entrevista:

“Ao mesmo tempo em que eu sentia medo e desconforto por as estudantes falarem sobre algo que pra mim ainda é muito assustador como a automutilação, eu também sabia que talvez aquela fosse a única oportunidade que elas teriam para falar sobre essas questões e que o que tinha fazer mais era escutar o que ela tinha a dizer, deixar que fale e exponha tudo o que sentia, claro que é uma situação difícil, porém nunca me neguei à esses momentos de escuta.” (Professora Jennyffer)

A professora entrevistada é formada e lotada em História e tem a Sociologia e o PPDT como disciplinas complementares a sua carga horária, o contato foi facilitado porque além de colega de trabalho, também é minha amiga desde a adolescência, uma das pessoas com quem eu mais conversei sobre a intenção de pesquisar essa temática no mestrado, sendo, portanto profunda conhecedora das questões preliminares à construção do projeto de pesquisa submetido à seleção do PROFSOCIO. Por essa razão também, ela é fonte de acolhimento e escuta para mim em nossa relação extraprofissional.

Disse ela que seu primeiro contato com a automutilação foi na escola através de relato de uma estudante, que num atendimento de PPDT, contou pra ela, num tom de confissão que praticava automutilação, lhe mostrou também os cortes no braço, nesse momento a professora entende o fato de essa estudante sempre usar um casaquinho de manga longa que lhe escondia os pulsos, mesmo em dias de calor, algo que ela antes observava e estranhava, porém não imaginava o motivo. A professora relata ainda que atendimentos iguais a esse ficaram mais intensos a partir do ano de 2016, período em que as discussões sobre o tema na escola foram intensas e que o olhar dos professores se ampliou para essas questões.

“Eu observo que a gente começou a ser mais procurada pra falar sobre automutilação em 2016, depois que teve aquele negócio de baleia azul na internet, mas além disso, começou a ter mais palestra sobre isso na escola e esse assunto passou a ser mais comentado pelos estudantes, nunca imaginei que tanta gente na escola fazia isso, foi um período em que ficamos muito impressionados na escola.”
(Professora Jennyffer)

Ela colocou-se positivamente favorável a um investimento da escola em relação ao tratamento da temática Saúde Mental no seu currículo, e apontou a Sociologia como uma das disciplinas em que a temática poderia ser abordada de forma didática e estruturada. Um investimento maior em estudos sobre a Sociologia, trazendo a possibilidade de se estudar temas relativos também ao indivíduo e suas emoções dentro do currículo dessa disciplina no Ensino Médio.

Apontou também a disciplina de Formação para a Cidadania e Desenvolvimento de Competências Socioemocionais, um espaço de uma hora-aula semanal que o PDT tem com sua turma, no qual eles têm a oportunidade de juntos discutirem e deliberarem sobre o que será estudado nessas aulas, mediante as demandas trazidas pelos estudantes a partir de seus problemas vivenciados e a disponibilidade do professor em preparar a aula com tal abordagem.

Porém afirmou que enxerga o Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais como um espaço melhor estruturado para esse tipo de investimento hoje, devido a sua metodologia baseada em oficinas e interação, bem como pelo perfil de professor exigido para a lotação nesse eixo curricular.

“-A Sociologia ainda precisa passar por reformulações maiores que o NTPPS já trouxe para que a discussão sobre saúde emocional possa ser efetiva e frutífera, uma vez que a disciplina ainda é trabalhada nos moldes que correspondem mais ao “jeito antigo” de dar aulas do que as inovações curriculares que viemos experimentando em PPDT e NTPPS” (Professora Jennyffer).

A professora Lilia de Língua Portuguesa, que assumiu o NTPPS do 2º ano na escola, começou a trabalhar com esse eixo curricular em 2019, mas desde sua entrada na escola, em 2014, atua como Professora Diretora de Turma e demonstra uma postura profissional muito próxima do perfil observado pela gestão da escola, ideal para trabalhar com essas metodologias inovadoras.

Ao descrever a escola, a professora resalta como um ambiente em que o acolhimento é carro chefe, dizendo que o clima é muito bom, na qual alunos e professores são muito bem recebidos.

“Sou de Parnaíba e fui lotada inicialmente na idade de Camocim, só que sempre corri atrás de uma lotação em Chaval, porque ficava mais perto da minha cidade, só que quando cheguei na escola, outras coisas me fizeram ter vontade de permanecer lá, afinal a equipe de trabalho é muito coesa, os gestores me receberam muito bem e senti um clima escolar de maior acolhimento e empatia” (Professora Lilia)

Disse ela que ao ser convidada para lotação no Projeto Professor Diretor de Turma, pesaram como condição para aceitar essa lotação o seu engrandecimento profissional e a questão do complemento necessário à sua carga horária de lotação na escola, mas ela foi muito bem alertada e orientada sobre o perfil necessário para esse trabalho, elogiando o trabalho da Coordenação Escolar na gestão do PPDT, disse que existe um misto de desafio e prazer na condução deste projeto na escola e coloca as heterogeneidades da turma como um fator que complexifica o trabalho.

“Até hoje me pergunto se fiz certo em aceitar (risos), a abordagem foi boa, temos um bom suporte, mas o desafio é grande, o NTPPS foi uma grata surpresa que a escola me reservou e eu me senti feliz e meu trabalho reconhecido e valorizado, porém o novo deixa a gente meio desconfortável e com um pouco de medo, então quando penso no meu trabalho com o NTPSS e o PPDT é esse misto de coisa trabalhosa om coisa prazerosa que sinto” (Professora Lilia)

A professora afirma que no início de seu trabalho reparava os seus colegas professores com certa resistência às investidas do PPDT e seu formato, mas que com o tempo essa resistência tem sido repensada pelos professores, inclusive por constatarem que ele corrobora com a reforma do ensino médio a nível federal que se anuncia desde o ano de 2017.

“Antes eu percebia os professores bem mais resistentes, mas aos poucos os professores vão entendendo o que essas reformulações curriculares significam. Antes existia uma bolha do PDT na qual alguns colegas nunca entravam, hoje sinto que essa resistência tem sido quebrada, muito pelo trabalho da coordenação, mas também porque tem ficado mais claro que essas inovações vieram pra ficar, pois se aproximam muito de tudo o que temos estudado sobre o “Novo Ensino Médio.” (Professora Lilia)

Isso me ajuda a refletir sobre as mudanças que já vinham se desencadeando e tem sido potencializadas pelas investidas do novo ensino médio que abre olhares das escolas e dos profissionais para questões não antes observadas, como a Saúde Emocional. O novo ensino médio, de acordo com as informações do Portal do MEC, é um modelo aprovado em lei de 2017 que reformou a etapa. A norma aumenta a carga horária obrigatória do ensino médio e flexibiliza o currículo, permitindo que estudantes escolham parte do que vão estudar. A previsão para a aplicação de mudanças curriculares a nível nacional, advindas dessa reforma é para o ano de 2022, porém, como colocado anteriormente, algumas investidas da rede estadual do Ceará são anteriores, se aproximam e se assemelham muito desse novo modelo.

Não sabemos também ainda até que ponto o Isolamento Social, causado pela Pandemia de COVID-19 comprometeu a implementação desse projeto de reformulação de Ensino Médio e considerando também o processo de eleições para presidente que acontecerá em 2022 pode ser que tenhamos reformulações na proposta mediante as dificuldades atuais para sua implementação.

A professora afirmou que seu primeiro contato com as práticas de automutilação aconteceu na escola, apesar de já conhecer estudantes que falavam com ela sobre outros problemas de saúde emocional. O ato de se cortar foi uma grande novidade que num primeiro momento ela descreve como “uma prática assustadora”, sobre a qual ela não tinha ouvido falar. Diz que já acolheu e conversou com estudantes que praticam automutilação, colocou que essa nunca era a pauta principal da conversa, denotando certa fuga do estudante a falar sobre, porém ela esclarece que é uma prática mais comum do que se possa imaginar. Uma preocupação elencada pela professora é a falta de uma orientação maior sobre como lidar com esses estudantes, como ela deixa claro nesse trecho da entrevista concedida:

“Eu sinto falta de conhecimento mais técnico, apesar de a gente conversar bastante nas formações e na própria sala de aula com as práticas, eu sinto necessidade dessa prática quando é pra acolher algum aluno com depressão, ou com algum transtorno, a gente tendo que medir palavras, a gente fica meio que sem saber onde coloca o pé ainda (...) tenho medo de falar o que não devia falar e dar gatilho”. (Professora Lília)

Sobre seu trabalho com o NTPPS, ela afirma que foi “*uma grata surpresa*” que proporciona para ela e para os estudantes a oportunidade de “*ver de perto a realidade que se aproxima*” tanto pelo trabalho com pesquisa científica que muito provavelmente só teriam na universidade, bem como pelas inovações curriculares do Novo Ensino Médio.

Ao responder sobre sua opinião a respeito da saúde emocional ser trabalhada pela escola ela diz que com certeza a escola precisa se voltar para a saúde emocional dos estudantes e também dos professores, até porque impacta diretamente na aprendizagem e nos resultados da escola, além disso, o estudante é uma pessoa que precisa ser observado como um todo precisando por isso aprender a entender as suas próprias emoções, e isso pode ser também um aprendizado escolar. “-*Isso é da nossa conta sim*” ela conclui.

Ela fala ainda sobre a redução de atitudes de bullying em suas turmas ao longo do tempo, ressaltando que as aulas de PPDT e NTPPS trazem uma reflexão maior para os estudantes sobre essa questão, colocando o agressor agora no lugar também de pessoa com problemas e isso traz uma inibição maior dessas violências na sala de aula, por causa reflexões sobre tais práticas.

A questão do bullying surgiu nessa entrevista ao relatar que comumente pessoas que demonstram algum tipo de adoecimento emocional são potenciais vítimas desse tipo de violência na escola, afinal o atrelamento às doenças de ordem emocional com fraqueza de espírito, esquisitice, preguiça, má vontade ou frescura, favorece que atitudes de diminuição, intimidade, chacota e exposição sejam empreendidas pelos estudantes. Isso é reparado principalmente nos momentos de aulas, considerando que nas aulas de NTPPS os estudantes são estimulados a falar e por vezes isso gera chacota de alguns colegas. Temos aqui um estigma atribuído aos *meninos que se cortam* que acaba favorecendo essas atitudes de bullying.

Entrevistei também a Coordenadora Escolar, a professora Francilene, que é gestora da escola desde o ano de 2011 até os dias atuais e coordena diretamente os Professores Diretores de Turma. O discurso dela é muito interessante no contexto dessa pesquisa, pois seu lugar de observação é muito próximo e parecido ao meu, uma vez que éramos nós dois os coordenadores da escola, durante o período de observação e coleta de dados no campo de pesquisa.

Ela tem trinta e cinco anos de experiência como professora de Língua Portuguesa, sendo que na Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, ela trabalha desde 2008 quando assumiu concurso do estado e em 2011 ela foi selecionada para o cargo de Coordenadora Escolar, cargo que ocupa até os dias atuais. A adesão da escola ao PPDT aconteceu no mesmo ano em que ela começou seu trabalho como gestora, portanto, o PPDT acompanha toda a sua trajetória como coordenadora.

Afirma a partir de sua experiência, que problemas de Saúde Emocional trazidas para a escola, pelos estudantes, não é um fenômeno recente, porém explicita que com a adesão do PPDT a escola passou a acolher mais aos estudantes. O impacto do projeto na escola mais possível de ser observado por ela, hoje em dia, é a redução do abandono escolar, constatada ao longo de todo esse tempo, principalmente nas turmas do turno da noite.

“Um dos efeitos da implantação do Projeto Professor de Turma na Escola que eu posso afirmar logo inicialmente é a redução do abandono escolar que esse projeto ajudou a alcançarmos, principalmente nas turmas de 1º ano, do turno da noite, onde historicamente tínhamos uma situação muito complicada de abandono escolar e hoje reduzimos em muito essa situação.” (Professora Francilene)

O PPDT orienta que o professor trabalhe com o acompanhamento de uma turma ao longo dos três anos do Ensino Médio, atuando, portanto como Diretor de Turma no 1º ano, 2º ano e 3º ano, da mesma turma consecutivamente. Porém há uma dinâmica que muda as lotações dos professores anualmente, principalmente quando a escola recebe professores concursados e precisa dispensar professores de contrato temporário, quando esse professor de contrato temporário tem uma atuação positiva enquanto diretor de turma e é dispensado, isso significa uma grande perda para a escola, é um empecilho em seu trabalho enquanto coordenadora.

Na escolar existem situações em que alguns estudantes preferem falar diretamente com ela e não primeiramente com o seu Diretor de turma, estando ela sempre aberta para fazer esse acolhimento e processo de escuta, uma estratégia que lhe ajuda a ter proximidade com o público atendido pelo PPDT, bem como, a elaborar metodologias para sugerir aos professores no seu trabalho de orientação pedagógica.

“Às vezes o PDT não está na escola, ou mesmo o estudante me procura diretamente para conversar; eu não costumo voltar esses estudantes, entendo que procurar ajuda nem sempre é fácil, então prefiro agregar aquele estudante e me por disponível para escutá-los, fico feliz por ser também uma dessas referências, mas confesso que nem sempre sei como agir ou mesmo o que dizer; a gente vai aprendendo na prática e entendendo o que funciona nessas conversas.” (Professora Francilene)

Sobre o seu relacionamento com os estudantes, ela é costumeiramente procurada pelos estudantes para conversar sobre assuntos, tais como conflitos familiares e relacionamentos afetivos, dentre esses muitos são praticantes da automutilação. Ela costuma adotar uma postura de acolhimento e escuta sendo que, em algumas situações se faz necessário reunir a família para tratar do adoecimento emocional do adolescente. A coordenadora é apontada pelos professores da escola como uma “mãezona” por seu perfil agregador, acolhedor e pela sua constante disponibilidade em ajudar à todos, dotada de gentileza e de empatia em sua postura tanto diante dos professores, quanto diante dos estudantes.

Afirma que a maioria dos estudantes com problemas de saúde emocional que procuram ajuda são mulheres “Isso daí é verdade, são muito mais meninas que me procuram pra falar disso, minha trajetória comprova essa questão”. Isso confirma o que afirmamos no capítulo anterior, afinal também é uma constatação de minhas observações e na literatura produzida acerca do tema, que fazem o referencial teórico desta pesquisa.

Seu primeiro contato com a automutilação foi através de uma estudante da escola que estava frequentemente usando casaco que cobria os punhos, ao questionar a menina sobre o motivo de usar casaco mesmo em dias de calor, a moça lhe respondeu vagamente: “-*É nada não tia.*”, ela sentiu que a aluna precisava conversar e a chamou em particular, como estava curiosa e intrigada pediu à menina que puxasse as mangas do casaco, pela primeira vez se deparou com os cortes no punho tão comuns aos praticantes da automutilação.

Relata que também já chegou a ser chamada por várias vezes para impedir a prática dentro do banheiro feminino da escola e chegou a receber pedido de ajuda de pais e mães de estudantes que surpreenderam seus filhos se cortando dentro de casa e enxergaram nela, um viés de apoio e aconselhamento. Esse fato nos traz os problemas familiares no relacionamento com os pais, como o principal motivo apontado pelos estudantes como causador de suas dores emocionais, esse é um discurso comum, são elencados como pontos desses problemas os conflitos de geração, a homofobia, e a não aceitação de parceiros para relacionamentos amorosos.

Ao responder sobre o trabalho da escola com saúde emocional, ela fala que se trata de um trabalho necessário, mas que precisa ser entendido com suas limitações, que jamais poderá substituir os profissionais da saúde, afirma também que a busca por ajuda externa em muitos casos também se torna complicada evidenciando em sua fala a situação ideal que seria contar um psicólogo e um assistente social trabalhando dentro da escola para qualificar o trabalho da escola nesse tipo de situação.

Sobre a rede de apoio estabelecida na escola junto às instituições externas, sendo que todos esses serviços são oferecidos e mantidos pela Prefeitura Municipal de Chaval, a coordenadora elenca como as instituições principais de atuação nessa rede de apoio à escola o Centro de Referência da Assistência Social, a Secretaria Municipal de Saúde e o Conselho Tutelar.

As vozes dessas professoras foram preciosas para essa pesquisa, pois proporcionaram a abertura do meu olhar enquanto pesquisador para as questões aqui analisadas, esse é um momento de grande contribuição para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Trouxe aqui os discursos mais valiosos, que me fizeram ver por diferentes formas de enxergar o problema da automutilação no caso da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha. Sem as falas das professoras muitas questões aqui analisadas não teriam sido descortinadas, portanto a presença dessas professoras nesse texto é definidora das perspectivas observadas ao longo de todo o texto.

Com essas entrevistas fica claro o impacto do Projeto Professor Diretor de Turma e do Núcleo de trabalho Pesquisa e outras Práticas Sociais no trabalho docente realizado pelos professores da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha. Esse impacto é notado quando percebemos os professores mais atentos aos seus estudantes de maneira geral, tanto nas salas de aulas, à luz das metodologias orientadas por essas inovações, quanto nos momentos extra sala de aula quando percebemos a intensificação dos atendimentos do PPDT.

A partir dessas oportunidades a escola gera a sua atmosfera de acolhimento e empatia possível de ser sentida ao observarmos o cotidiano da escola, os professores têm se aproximado mais desse perfil exigido para o PPDT e o NTPPS. Essa aproximação é também dotada de intencionalidade, afinal temos sido constantemente convidados a nos aproximarmos de um perfil de professor mais adequado ao novo ensino médio e as inovações curriculares e metodológicas que se anunciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Programa em Rede Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia – PROFSOCIO (UAB/UFC/UVA). Baseado na experiência em ensino de Sociologia, na vasta literatura acadêmica sobre juventude e na compreensão da condição juvenil no cotidiano escolar e suas múltiplas formas de interação, socialização e experimentação. Resulta numa análise da postura e dos discursos dos professores do Ensino Médio diante das práticas de automutilação acontecidas entre os estudantes, a partir do caso da Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, da cidade de Chaval-Ceará.

Foi possível analisar os discursos dos professores diante das práticas de automutilação dos seus estudantes partindo de uma experiência etnográfica vivida por mim no trabalho como Coordenador Escolar. Bem como, usar a aproximação que tinha com os estudantes para à luz deles enxergar os sentidos atribuídos à automutilação e a forma como trazem essa questão para a escola. A observação das saídas encontradas pela escola e da forma como os diferentes interlocutores falam acerca disso, proporcionou reparar proximidades entre posturas comuns aos professores de Sociologia no ensino Médio, e a postura tida como ideal para trabalhar a saúde emocional na escola.

As demandas trazidas pelos estudantes para a rotina do trabalho escolar desafiam os professores a elaborarem diferentes formas de lidar com as situações apresentadas, fazendo a prática docente dotada de versatilidade e de constante revisão. A automutilação configura-se como um desses desafios ao trabalho docente no campo de pesquisa analisado, com o qual os professores se depararam e construíram suas formas de agir mediante os casos.

No primeiro capítulo deste texto, pudemos entender que há um entrelaçamento entre os conceitos de juventude e escola nas análises sociológicas, nos permitindo concluir que a escola é um espaço eminentemente da juventude. A saúde emocional vem sendo mais discutida na contemporaneidade e essa discussão também é trazida para a escola, pelos jovens, configurando-se como uma questão contemporânea da juventude. Concluimos aqui então que por se tratar de uma demanda atual dos estudantes a escola será constantemente convidada a tomar iniciativas mediante essas práticas em sua rotina de trabalho.

Importante aqui também, um levantamento feito acerca das produções sociológicas sobre saúde emocional e sobre automutilação, mais especificamente, que nos norteiam sobre o quanto temos caminhado na pesquisa sociológica. Elencamos a necessidade de refinar esse ensaio teórico, para entender os vieses possíveis de explorar em estudos futuros.

A discussão metodológica, presente no segundo capítulo, voltada para os conceitos de observação participante (W.F. Whyte, 2005), observação flutuante (Pétonnet, 1982) e ser afetado (Fravte-Saad: 2006) trazem o leitor para a compreensão da perspectiva metodológica utilizada e de como o próprio campo observado nos traz a necessidade de revisão dos procedimentos metodológicos utilizados.

Além disso, também nos é possível perceber no segundo capítulo a qualidade das interlocuções acontecidas em campo, através de uma descrição dos relacionamentos produzidos na escola entre professores, estudantes e coordenadores escolares, dando atenção ao lugar do pesquisador em campo, bem como da significação dessa escola em sua história de vida e o quanto isso impacta nos empreendimentos metodológicos construídos.

Pudemos observar também que as técnicas corporais são um elemento constantemente presente nesse campo de pesquisa servindo de vetor de comunicação da saúde emocional dos estudantes, tanto daqueles momentos em que precisam e solicitam ajuda dos docentes, como dos momentos em que estão sendo atendidos, identificando diferentes performances corporais empreendidas por estudantes e professores na escola. Essas técnicas corporais trazem diversas capilaridades, o que nos oportunizou reparar em diferentes posturas dos professores adotadas mediante as atitudes de seus estudantes.

A inspiração para essa pesquisa veio na apresentação de um trabalho de NTPPS, assumindo então que antes de eu ter voltado meu olhar para a automutilação como problema de pesquisa os próprios estudantes já haviam feito isso, ao refletirem sobre as saúdes da escola e aquilo que poderia ser pesquisado no tocante a essa temática.

No terceiro capítulo tivemos a possibilidade de equalizar diferentes olhares docentes sobre as práticas de automutilação. Aqui entendemos que os olhares sobre a saúde emocional na escola são impactados pelas investidas do projeto professor Diretor de Turma e pelo Núcleo de Trabalho, Pesquisa e outras práticas Sociais, ao ouvir professores falando sobre as mudanças trazidas para as suas práticas e para a escola como um todo a partir desses novos empreendimentos.

Além do discurso das professoras e da coordenadora escolar temos também as falas da psicóloga que atende os estudantes praticantes da automutilação encaminhados pela escola para o Centro de Referência da Assistência Social e o entendimento de que foi estabelecida uma rede de parceria entre a escola e setores da prefeitura municipal para acolher e ajudar a esses estudantes. E as falas dos estudantes praticantes da automutilação, os *meninos que se cortam* e perceber suas elaborações acerca dessas práticas.

Ao passo em que a Secretaria Estadual da Educação do Ceará empreende inovações metodológicas na Escola de Ensino Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha, intencionando um impacto significativo na forma como os professores desta escola passaram a enxergar e acolher aos seus estudantes na escola, no tocante à saúde emocional.

O ensino de sociologia tem sua história marcada por idas e vindas ao Ensino Médio trazendo também esse caráter de constante revisão ao currículo e as práticas docentes nessa disciplina. Portanto é característica dos professores de sociologia uma dinamicidade no seu fazer docente garantida não só pelas idas e vindas da disciplina no Ensino Médio, o que lhe confere um caráter constantemente inaugural, mas também pela formação acadêmica que constrói uma visão mais holística sobre as pessoas e as sociedades.

Essa pesquisa teve limitações marcadas pela Pandemia de COVID 19 e precisou ter a sua metodologia repensada e redesenhada diferentes vezes, isso submetido a um contexto de adoecimento, deixou uma demanda por um aprofundamento teórico, o que confere a essa pesquisa a necessidade de amadurecimento de seu referencial teórico que não nos foi possível no contexto exposto. Teorias diversas poderão estabelecer diálogos futuros para esse texto, bem como, o aprofundamento acerca da produção sociológica sobre saúde emocional e, mais especificamente, sobre automutilação.

Apontamos, portanto, indicativos que podem ajudar na elaboração das possíveis contribuições desse estudo ao ensino de Sociologia no Ensino Médio. O perfil de professor falado aqui como demandas para lotação em PPDT e NTPPS, e em um segundo plano também como demandas de eleição como interlocutor dos estudantes no tocante à saúde emocional não é um perfil inato, mas sim moldado pela escola a partir de sua trajetória profissional. O trabalho nos forma e dentro de uma atmosfera voltada para a escuta, acolhimento e encaminhamento de estudantes para serviços de saúde o professor tem seu olhar treinado para esse objetivo também.

Sobre esse perfil profissional, podemos afirmar que a docência em Sociologia, bem como a licenciatura em Ciências Sociais de maneira geral, faz do professor um profissional mais próximo do perfil demandado agora para as inovações trazidas pelas Reorganizações curriculares do Ensino Médio brasileiro, a partir da BNCC e o Novo Ensino Médio.

As teorias estudadas, as situações de pesquisa vivenciadas e as realidades experimentadas pelo universitário de ciências sociais refinam seu olhar e aguçam a sua sensibilidade, uma vez que esse formado assume a docência em Sociologia, existe uma tendência a aproximar-se de questões tidas como inovadoras instrumentalizadas para esse voltar-se ao outro escutar, dialogar e entender a realidade da qual a história de seu aluno tem sido construída.

Ressalte-se que essa não é a intenção do curso de licenciatura em Ciências Sociais, nem mesmo o objetivo de seu currículo, mas uma capilaridade de sua formação, que não vai ser encontrada em todos os professores de Sociologia e nem pode ser uma expectativa em relação a esse profissional. Além de uma consequência da formação, existem questões pessoais relacionadas à visão de mundo e ao projeto de vida do professor que podem não corroborar com a construção desse perfil.

A experimentação das metodologias trazidas pelas inovações curriculares, que nessa pesquisa foram exemplificadas pelo PPDT e pelo NTPPS, aproxima e favorece um diálogo, gerando empatia que influencia fortemente no processo de aprendizagem. Se usadas para as aulas de Sociologia, proporcionaram novas possibilidades de construções de aprendizagens mais eficientes e significativas aos estudantes do que as que têm sido praticadas nas escolas atualmente.

Portanto, um formato de aulas com vivências de grupo e oficinas que valorizem os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do conteúdo da aula, utilizando de recursos pedagógicos advindos do mundo dos estudantes como músicas, moda, games e as redes sociais facilitam a aprendizagem e a tornam mais palatáveis garantindo uma aprendizagem mais significativa. Aqui o professor não é a primeira fonte de informação, nem muito menos o Livro Didático, mas a visão de mundo estudante, que num momento posterior poderá ser expandida, refutada, desconstruída ou respaldada pelo conteúdo estudado.

A oportunidade de os estudantes escolherem os conteúdos que vão estudar a cada etapa escolar pode ser muito frutífera e o como o currículo de Sociologia é recente e dotado de versatilidade, pode ter aqui uma boa possibilidade de aproximar o estudante da disciplina, Nessa situação a saúde emocional pode ser um dos temas eleitos e temos diferentes produções sociológicas que tratam da temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÊ BRETON, David. A sociologia do corpo; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

GONÇALVES, Jacqueline Nascimento. “Vocês acham que me corto por diversão?” Adolescentes e a prática da automutilação - 2016. Orientadora: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/>

GIUSTI, Jackeline Suzie. Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. São Paulo, 2013. Tese (doutorado) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Psiquiatria. 160p.

Revista MovimentAção v.03, n.04, pp. 01-18, 2016. Rev. dor vol.17 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2016 *Print version* ISSN 1806-0013 *On-line version* ISSN 2317-6393 (acessado em 14/12/2020)

LUNA, Dayse Batista de. A experiência e a prática da automutilação entre jovens mulheres : a travessia e os ruídos da dor, na contemporaneidade / Dayse Batista de Luna. - Recife: O Autor, 2010. 125 folhas : il., fig.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. 12. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, Igor Renó de .Sociologia Hoje: Ensino Médio. Volume único/ Igor José de renó Machado, Henrique Amorim, Celso Rocha de Barros, 2 ed. São Paulo: Ática, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In **Questões de sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983

EISENSTEIN E. Adolescência; definições, conceitos e critérios. Adolesc Saude. 2005

- FAVRET-SAADA, Jeane. Ser afetado. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, n 13, 2005
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**: novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987
- GOLDMAN, Marcio. **Os Tambores do Antropólogo**: Antropologia Pós-social e Etnografia. Pontourbe. São Apulo: USP, Ano 2 , versão 3.0, julho de 2008.
- MATOS, Margarida Gaspar de; CARVALHOSA, Susana Fonseca. **A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar**. Psic., Saúde & Doenças, Lisboa , v. 2,n. 2,p. 43-53, nov. 2001
- MBEMBE, Achile. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Ed. Antígona, 2014
- _____ **Necropolítica**. 3ªed, São paulo: N – 1 Edições, 2018
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos** / Norbert Elias; organizado por Michael Schroter, tradução: Vera Ribeiro, revisão técnica e notas: Renato Janine Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1994.
- PAIS , José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.
- PAIS, Machado; BLASS, Leila (orgs.). **Tribos Urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo; Annablume, 2004.
- RIBEIRO, Djamila. O que é Lugar de Fala? São Paulo: Letramento, 2017.
- VELHO, Gilberto; DIAS, Fernando. **Juventude Contemporânea**. Culturas, Gostos e Carreiras. Rio de Janeiro. Ed. 7 Letras, 2016.

CYPRIANO, Cybele Perciano; Ocorrência do bullying e sua correlação com as escalas psicométricas.

SCARED e CDI, **o consumo de álcool e a automutilação em escola pública municipal de Salvador**, Brasil. Revista de Ciências Médicas Biológicas, v. 2, p. 125-162, jan. 2017.

WELLEER, Wivian. **Minha voz é tudo o que eu tenho**. Manifestações juvenis em Berlim São apulo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

PÉTONNET, Colette. L'observation flottante: l'exemple d'un cimetière parisien, L'Homme, oct-déc. 1982, XXII (4r), pp.37-47.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al . **Adaptação à universidade em jovens calouros**. Psicol. esc. educ. Campinas v. 12,n. 1, p. 185-202, jun. 2008.

DUTRA-PEREIRA, F. K.; LIMA, R. DOS S.; BORTOLAI, M. M. S. (Re)pensando o novo normal após a pandemia da Covid-19: a realidade dos Licenciandos em Química de uma Instituição de Ensino Superior da Bahia. **Olhar de Professor**, v. 23, p. 1-6, 8 out. 2020.

<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/889-diferenca-entre-apa-e-app-nao-e-clara-para-todos-diz-artigo> acessado em 20/10/2019, às 10hs.

<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/77> acessado em 20/10/2019, às 15hs.

<https://www.sistemamaxi.com.br/o-que-a-bncc-diz-sobre-o-ensino-socioemocional/>.
Acessado em 27/082021, às 9hs.

<https://www.scielo.br/j/rdor/a/YY3M9NNjQmymdFGzh758Pck/?lang=pt>. Acessado em 14/12/2020, às 20hs.

<https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/> acessado em 01/09/2021, às 20hs07min.

<https://www.oficinadepsicologia.com/a-automutilacao> acessado em 29/11/2018.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

<https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18308.pdf>. Acessado em 17/12/2020.

<https://fpabramo.org.br/2012/04/20/juventude-juventudes/> acessado em 17/12/2020.

<https://chaval.ce.gov.br/localizacao/> Acessado em 14/12/2020

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/13/gatilho-mental-e-coisa-seria-saiba-como-identificar-e-nao-se-prejudicar.htm?cmpid> acessado em 01/09/2021, às 20hs52min.

<https://www.seduc.ce.gov.br/e-o-que-e-o-nttps/> acessado em 02/09/2021, às 19hs44min

<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-crisis.html> Acessado em 02/09/2021, às 19hs44min.